

Novembro - Dezembro 2022

A BOA NOVA

do Mundo de Amanhã

Os Estados Desunidos *da América* *Uma Encruzilhada Perigosa*

8 A Crise Social dos Estados Unidos Afeta o Mundo • **11** Jesus Cristo Realmente Existiu?
16 A Curiosa História do Natal • **18** O Natal Realmente Honra ao Rei Jesus? • **22** Jesus é o Senhor do Sábado
• **24** Seja Sempre Grato a Deus • **26** Os Dez Mandamentos – O Oitavo Mandamento

3 • “Uma Casa Dividida Contra Si Mesma Não Subsistirá”

4 • Os Estados Desunidos da América: Uma Encruzilhada Perigosa

A divisão da nação está tão evidente que um número crescente de pessoas espera uma onda de violência, derramamento de sangue e talvez até outra guerra civil. O que está por trás disso e o que isso significa para você?

8 • A Crise Social dos Estados Unidos Afeta o Mundo

Enquanto os Estados Unidos estão se dividindo cada vez mais, o mundo todo sente os efeitos dessa fragilidade em sua liderança, surgindo assim mais intrigas e disputas entre as nações.

Requadro: 9 Visão Geopolítica: O Alinhamento dos Países

11 • Jesus Cristo Realmente Existiu?

Jesus Cristo era real? Há alguma evidência disso? Apesar do que talvez você tenha ouvido, a documentação histórica é convincente sobre Sua existência. E você precisa entender não apenas para que Ele veio, mas também por que Ele veio!

16 • A Curiosa História do Natal

A maioria das pessoas sabe que a Bíblia não ensina a celebrar o Natal. Mas será que isso importa já que o intuito é honrar a Deus e unir as famílias?

18 • O Natal Realmente Honra ao Rei Jesus?

A maioria das pessoas acredita que o Natal se originou como uma celebração do nascimento de Jesus Cristo. Porém, a história mostra que ele é muito mais antigo e tem suas raízes nas remotas práticas idólatras que honravam outros deuses. Então, esse feriado religioso realmente honra a Jesus e a Deus Pai? Como Deus vê a observância do Natal?

21 • Notícias Mundiais e a Profecia: Eventos e Tendências Atuais

O fim do reinado de Elizabeth e o começo de uma nova era

22 • Jesus é o Senhor do Sábado

O sábado semanal do sétimo dia nos direciona a Cristo e ao nosso futuro com Ele e o Pai. Reunir-se para adorá-los nesse período de tempo santo é parte vital da nossa vocação cristã.

24 • Seja Sempre Grato a Deus

A gratidão mantém em nossa mente as bênçãos e o cuidado de Deus por nós, edificando nossa confiança e devoção a Ele. Quais são as coisas que deveríamos agradecer muito a Deus?

26 • Os Dez Mandamentos – O Oitavo Mandamento

“Não furtarás” (Êxodo 20:15; Deuteronômio 5:19).



4



16



26

QUEM SOMOS

A Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, tem as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa missão é proclamar o evangelho do futuro Reino de Deus em todo o mundo, como testemunho, e ensinar todas as nações a observarem o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Distribuímos gratuitamente esta revista e outras publicações, seguindo a instrução de Cristo, que disse: "De graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). E isso somente tem sido possível através dos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e de colaboradores que contribuem voluntariamente para apoiar essa Obra. Caso deseje fazer uma doação para ajudar essa Obra de Deus, os dados de nossa conta bancária se encontram na última página.

Em Angola somos representados pela *Igreja de Deus Mundial em Angola* e qualquer doação pode ser depositada na conta bancária abaixo:

Banco Angolano de Investimento (BAI): Número da Conta Bancária: 115086564.10.001
Beneficiário: Paulino João Foi. Em nome da Igreja de Deus Mundial em Angola.

Internet: www.revistaboanova.org / **Facebook:** Igreja de Deus Unida

ENDEREÇOS

Brasil:

Igreja de Deus Unida
 Caixa Postal 2027,
 Uberlândia – MG,
 CEP 38400-983
 Telefone: +1 (513) 576 9796
 e-mail: info@ucg.org

Estados Unidos:

Igreja de Deus Unida
 P O Box 541027,
 Cincinnati, OH, 45254-1027
 Telefone: +1 (513) 576 9796

Angola:

Igreja de Deus Mundial
 Caixa Postal No 12,
 Município de Cacuaco, Luanda
 Telefones: +244 923 429 320
 +244 923 719 704
 e-mail: dedeusmundial@hotmail.com



Scott Ashley
Editor-chefe

“Uma Casa Dividida Contra Si Mesma Não Subsistirá”

“*Uma casa dividida contra si mesma não subsistirá*”. Em 1858, o aspirante a senador (e, mais tarde, presidente) Abraão Lincoln abriu um de seus discursos mais famosos com estas palavras. Ele pretendia que isso servisse de forte advertência sobre o perigo de sua nação continuar, ideológica e profundamente, dividida.

A advertência dele foi profética, pois menos de três anos depois a nação se dividiu em uma sangrenta guerra civil de quatro anos que ceifou centenas de milhares de vidas.

Duas décadas antes, quando era bem mais jovem, ele demonstrou sua preocupação com o futuro de seu país:

“Até que ponto devemos esperar a aproximação do perigo? Por quais meios devemos nos fortificar contra ele? Devemos esperar que um gigante militar transatlântico cruze o oceano e nos esmague de um golpe? Nunca!!...Até que ponto, então, deve-se esperar a aproximação do perigo? Respondo: *se algum dia ele chegar, terá nascido entre nós...Se nossa sina é a destruição, seremos nós os autores e consumidores dela*. Como nação de homens livres, viveremos para sempre ou *morreremos por suicídio*” (Discurso no Liceu, 1838, grifo nosso).

Essa advertência também foi profética, porque após uma geração a nação chegou perigosamente perto de morrer por suicídio. Mais de seiscentos mil homens morreram em batalha ou por ferimentos e doenças. E essa guerra foi a mais sangrenta da história dos Estados Unidos.

Abraão Lincoln, como tantos presidentes dos Estados Unidos até as gerações recentes, era um estudante da Bíblia. Em sua adolescência, como era o caso em muitos lares estadunidenses, os livros eram raros e, muitas vezes, a Bíblia era o único livro que as famílias possuíam. O próprio Lincoln disse o seguinte sobre a escola que frequentava: “Não tínhamos livros ou gramáticas para ler, apenas a Bíblia”.

Muitas vezes, as palavras do presidente Lincoln ecoavam as dos escritores e profetas bíblicos. E sua advertência sobre “uma casa dividida” era uma referência direta às palavras de Jesus Cristo (Mateus 12:25; Marcos 3:25; Lucas 11:17). Então, não é surpreendente o fato de a Bíblia ter moldado bastante seu pensamento e até mesmo a maneira como ele enxergava a nação.

Em um dos períodos mais sombrios da guerra civil, em 30 de março de 1863, ele proclamou “Um Dia Nacional de Jejum”. E, significativamente, suas palavras podem ser aplicadas aos nossos dias:

“Somos os destinatários das generosidades mais seletas do céu. Fomos preservados, nesses muitos anos, em paz e prosperidade.

Crescemos em número, riqueza e poder como nenhuma outra nação jamais cresceu. *Porém, nos esquecemos de Deus...*”

“E temos imaginado em vão, no engano de nossos corações, que todas essas bênçãos foram produzidas por nossa própria sabedoria e virtude superiores. Intoxicados pelo sucesso constante, *nos tornamos demasiadamente autossuficientes..., orgulhosos demais para orar ao Deus que nos fez*. Então, *é conveniente nos humilhar diante do Poder ofendido, confessar nossos pecados nacionais e orar por clemência e perdão*”.

Abraão Lincoln foi direto ao âmago da questão. E como presidente, ele tinha uma imensa responsabilidade com seu país. Ele não queria vê-lo sucumbir, devorado e destruído internamente pela guerra.

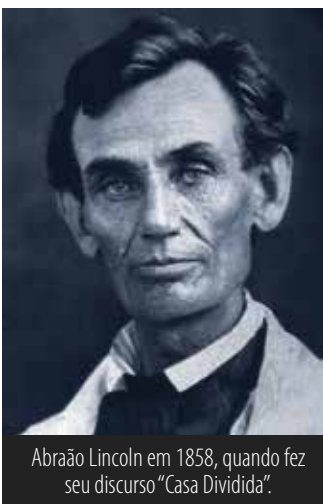
E nós, editores desta revista, temos esse mesmo sentimento. Somos profundamente gratos pelas abundantes bênçãos materiais que Deus derramou sobre os Estados Unidos da América, inclusive aquelas que remontam às suas raízes na Inglaterra antes mesmo da fundação dessa nação.

Também somos imensamente gratos pelas bênçãos espirituais concedidas por Deus, como as raízes espirituais da nação e a fé de seus fundadores (descritas nesta edição). Valorizamos muito a bênção de poder adorar livremente a Deus e compartilhar Sua verdade através das

páginas desta revista, do nosso programa de TV *Beyond Today*, dos nossos guias de estudo bíblico, do nosso curso bíblico e do nosso site e também a liberdade de nos reunir para adorá-Lo e aprender Sua verdade nos cultos sabatinais.

Mas também somos compelidos, assim como o presidente Lincoln, a falar sobre os graves pecados dessa nação que ameaçam essas bênçãos e liberdades—as quais vemos que estão sendo perdidas a cada dia. Deus nos entregou a responsabilidade de falar essas verdades às nações modernas e dizer o que elas precisam mudar.

Esperamos e oramos para que você tenha ouvidos para ouvir e, ainda mais importante, um coração *atento e disposto a buscar a Deus*. Leve a sério as palavras de Abraão Lincoln e das Escrituras—arrependa-se, volte-se para Deus e ore por misericórdia para sua nação! **BN**



Abraão Lincoln em 1858, quando fez seu discurso “Casa Dividida”.



Os Estados Desunidos da América Uma Encruzilhada Perigosa

A divisão da nação está tão evidente que um número crescente de pessoas espera uma onda de violência, derramamento de sangue e talvez até outra guerra civil. O que está por trás disso e o que isso significa para você?

por Darris McNeely

Minha querida mãe era da região sul dos Estados Unidos. Na época que visitávamos parentes no Alabama, sempre parávamos no memorial da Batalha de Shiloh, um dos conflitos mais sangrentos da Guerra Civil Americana. “Aqueles pobres meninos”, lamentava ela, “sangrando até a morte nesse lago”. Ela culpava “aqueles ianques” por estarem onde não deveriam estar. Ela se lembrou do tempo em que uma divisão cultural dividiu a nação e a levou à guerra. Ela queria que eu entendesse e nunca me esquecesse disso.

Hoje, penso em suas histórias quando ouço declarações de que os Estados Unidos estão novamente profundamente divididos a ponto de estarem correndo o risco de outra guerra civil. Na verdade, alguns sentem que já estamos travando essa guerra no campo político, cultural e social e que, se isso não for resolvido logo, há risco de alguns estados resolverem sair da União.

Pesquisas indicam que mais de dois terços dos estadunidenses veem grandes ameaças à continuidade da existência da democracia no país como a conhecemos hoje. Eles creem que a qualquer momento pode eclodir uma guerra civil e que apenas um líder forte poderia impedir isso ou tirar o país dessa crise.

Qual será o resultado dessas “diferenças irreconciliáveis”?

A política partidária destaca essa divisão. Uma pesquisa da *Pew Research* de 2022 descobriu que a maioria dos membros de ambos os partidos vê os membros do outro partido como “mais imorais, desonestos, preguiçosos, pouco inteligentes e de mente fechada do que outros estadunidenses”. Curiosamente, 40% dos democratas e 43% dos republicanos apoiam seu partido porque “se opõem aos valores do outro partido” e não porque defendem o que seu partido representa.

Os cientistas políticos se referem a esse nível de polarização como “partidarismo negativo”, em que facções políticas se unem mais pelo ódio ao outro lado do que por um propósito comum.

Esse partidarismo negativo explica muito dessa atual divisão política na nação.

Um processo político funcional deve levar à solução de ideias conflitantes. Em tempos melhores, havia mais chances de se conseguir isso. Quando falo de “tempos melhores”, estou me referindo ao período de sessenta ou mais anos atrás. A política partidária nos Estados Unidos sempre foi barulhenta, mas no fim da disputa política as diferentes bancadas sempre buscavam o caminho do diálogo pelo bem do país.

Contudo, isso acontecia quando havia valores idênticos e um compromisso de formar uma comunidade com interesses comuns. E também em uma época em que havia um compromisso com os pilares dos Estados Unidos, conforme estabelecido nos documentos de fundação da nação.

Mas tudo isso mudou. A eleição presidencial do ano 2000 parece ter marcado o surgimento de diferenças irreconciliáveis no corpo político, levando ao que vemos hoje em dia. Aquela eleição teve que ser decidida pela Suprema Corte, culminando na eleição de George W. Bush. Parece que a partir daquela eleição rancorosa o país entrou em uma era de acidez política que só se acelerou até a crise atual.

Dados de pesquisas do Instituto de Política da Universidade de Chicago mostram resultados preocupantes: “Cerca de três quartos (73%) dos eleitores que se identificam como republicanos concordam que ‘os democratas geralmente são valentões que querem impor suas crenças políticas àqueles que discordam delas’. Uma porcentagem quase idêntica de democratas (74%) expressa esse mesmo ponto de vista acerca dos republicanos”. Uma maioria igualmente desigual de cada partido sustenta que os membros do outro partido são “quase sempre mentirosos e andam promovendo desinformação”.

“Estou pronto para eles”

Essa mesma pesquisa revelou que “um em cada quatro estadunidenses estão muito alienados de seu governo”, acreditando



O retrato de uma nação rachada ao meio. Parece que Os Estados Unidos estão em cima de um vulcão prestes a entrar em erupção.

que “em breve [pode] ser necessário ‘pegar em armas’ contra ele”. Quando um grande e crescente número de estadunidenses sente que seu governo é corrupto e manipulado a seu desfavor, torna-se difícil enxergar um caminho para evitar o abismo. Há um crescente sentimento de antagonismo. E em algumas regiões do país, fala-se que a secessão pode ser a única resposta.

A raiva contra a política pública causou um grande aumento no número de pessoas que acreditam que é justificável o uso das forças federais para promover interesses políticos. Esse sentimento é respaldado por uma porcentagem quase igual de republicanos e democratas—aproximadamente um terço de cada.

A venda de armas e munições disparou assustadoramente nos últimos anos, considerando que já havia mais armas nos Estados Unidos do que habitantes. Diante dos episódios de tumultos nas cidades, bairros inteiros tomados por desordeiros e até policiais abandonando as delegacias, as pessoas temem que não haverá ninguém mais para ajudá-las *quando*, não *se*, esses manifestantes desordeiros chegarem em seus bairros.

Quando você assiste a relatos na televisão sobre esses eventos, como o de um casal suburbano de Saint Louis, Missouri, que, em 2020, teve que defender sua casa de um bando de manifestantes invasores, então você começa a ter a sensação de que a nação está se transformando em um campo de batalha. Outro dia, eu estava jantando na casa de um parente próximo e ele me mostrou seu plano de autodefesa, que incluía uma barricada de tijolos e pedras na beira da piscina do quintal, inclinada o suficiente para ele poder defender a passagem de oitocentos metros de extensão que dava acesso a sua casa. “Estou pronto para quando eles vierem”, ele me disse.

Aborto: um tema extremamente polarizado

Indiscutivelmente, o tema mais polêmico desse último meio século tem sido o aborto. Desde a decisão da Suprema Corte em 1973, que legalizou o aborto em todos os cinquenta estados, testemunhamos o morticínio de dezenas de milhões de bebês nascituros. E à medida que aumentava o apoio ao aborto, crescia também o número de opositores a ele, liderados por igrejas e cidadãos conscientes.

A opinião de uma pessoa sobre o aborto era determinante para sua escolha a um cargo público ou nomeação para a Suprema Corte. Em junho de 2022, a Suprema Corte, ao deliberar sobre um novo caso, anunciou sua decisão de anular o precedente legal *Roe vs. Wade*, permitindo assim que os estados legislem sobre o tema. Essa decisão foi muito bem recebida por aqueles que valorizam a santidade da vida humana. Porém, isso aprofundou a divisão no país.

O impacto dessa reversão ainda está tomando forma. O aborto não vai desaparecer. Cabe agora aos estados legislar e regular sua prática. Alguns estados já aprovaram e outros aprovarão leis antiaborto, enquanto outros farão ao contrário.

Algumas grandes empresas sediadas em estados contrários ao aborto vão incluir no plano de saúde dos funcionários o benefício de custeio de viagens para realização de abortos em estados favoráveis à prática. Outras empresas cancelaram a licença-maternidade e os benefícios da maternidade e os substituíram pelo pagamento integral de despesas com o aborto. Contudo, o verdadeiro interesse dessas corporações é bem evidente.

Entramos em um território desconhecido com essa decisão. Juntamente com outras convulsões culturais, parece que adentramos em um período sombrio. A ordem mundial que conhecemos está demonstrando sua podridão. Ela pode ruir em breve, e a situação dos Estados Unidos determinará o futuro.

Haverá um conflito armado no país?

Será que acontecerá uma insurreição armada nos Estados Unidos? Um levantamento das manchetes e dos eventos dos últimos anos leva qualquer observador a responder que realmente é possível eclodir algum tipo de guerra civil no país. O ânimo político acirrado pode facilmente descambar em violência—especialmente quando alguns estão tentando deliberadamente escalar os problemas. O aparelhamento de agências governamentais contra oponentes políticos exacerba o medo e a vontade de resistir ao que é cada vez mais visto como um poder ilegítimo.

Diante do aumento da criminalidade, tiroteios em massa, assassinatos, roubos de carros, arruaças nas grandes cidades e diminuição da proteção policial, temos uma imagem de uma nação muito angustiada, onde muitos acreditam que devem se autoprotoger e fazer justiça com as próprias mãos. Parece que Os Estados Unidos estão em cima de um vulcão prestes a entrar em erupção.

Então, será que veremos outra guerra civil, em que uma tentativa de secessão dos estados sulistas levou a um conflito armado que ceifou a vida de mais de seiscentos mil estadunidenses? Creio que não, pelo menos não dessa forma. Esse conflito provavelmente se manifestará de forma diferente. Vamos ponderar no que já aconteceu, pois isso pode nos dar pistas do futuro.

Novos mandatos

Escrevi nestas páginas que o que vimos nos últimos três anos foram ensaios gerais para eventos maiores que estão por vir. Eu me pergunto se já vimos algo parecido com um colapso da ordem nos Estados Unidos. O passado pode ser apenas um prelúdio para o futuro.

Primeiro, vimos um bloqueio sem precedentes da sociedade estadunidense a partir de março de 2020. Aeroportos, empresas e escolas foram fechadas. As luzes das grandes áreas de entretenimento, como a Times Square em Nova Iorque, foram apagadas.



As instalações esportivas profissionais também foram fechadas.

Isso aconteceu em todo o mundo em resposta à pandemia da Covid-19. Além dos lockdowns, as pessoas atenderam prontamente as ordens das autoridades, sem discussão ou debate, assumindo que era para o bem de todos. Entretanto, a retrospectiva disso pôs em xeque as medidas radicais dessas autoridades.

E se uma futura crise, outra pandemia ou convulsão social, levar a outro *lockdown*, será que todos os estadunidenses se submeteriam a isso novamente? E se algumas regiões atenderem a ordem do governo federal e outras se recusarem?

Isso causaria uma grave divisão interna na nação. E como reagiria o governo federal? Haveria o envio de forças federais para fazer cumprir sua ordem? Algumas regiões não aceitariam a presença de soldados armados impondo regras às pessoas. Provavelmente, haveria resistência tanto pacífica quanto armada. E poderia ocorrer derramamento de sangue.

As eleições presidenciais estadunidenses nos últimos anos tiveram margens estreitas de vitória. Como os apoiadores de um líder democraticamente eleito reagiriam se este fosse atacado ou assassinado por alguém alinhado a um partido opositor? Será que isso poderia incitar uma grande revolta civil ou até mesmo assassinatos em retaliação?

Imagine como isso assustaria as pessoas. O medo e a suspeita se instalariam no país. Talvez não veríamos uma insurreição armada, mas o surgimento de núcleos de resistência. Algumas cidades ou áreas rurais poderiam se tornar zonas armadas ou se declarar “separadas da União”.

Em 2020, vimos uma parte da área urbana de Seattle sendo isolada por várias semanas, pois algumas pessoas diziam que aquela área era uma zona separada da cidade e não permitiriam a entrada de policiais, bombeiros ou equipes de emergência. E por causa do apoio do governo municipal aos manifestantes, as autoridades não puderam intervir. E se isso acontecesse em todo o país em resposta a um desacordo político?

Como nos dias de Noé

Um grande desastre natural, como um furacão ou terremoto, pode desencadear distúrbios juntamente com decretos emergenciais, criando um efeito cascata. Em 2006, o furacão Katrina atingiu o sul da Louisiana causando grande destruição em Nova Orleans e regiões vizinhas.

Esse furacão causou uma enorme devastação. Mas a reação lenta do governo municipal, estadual e federal agravou o problema. E a região levou anos para se recuperar. Acusações de incompetência, de negligência e até de racismo surgiram de muitos lugares, mas no fim a paz e a estabilidade foram restauradas e as pessoas se uniram para reconstruir tudo. Isso foi em um tempo diferente. Será que hoje as pessoas reagiriam assim também?

E se ocorresse outro desastre natural desse tipo e, considerando a frágil situação da nação hoje em dia, o tecido social de uma região fosse desfeito? O que aconteceria em outras cidades? Será que haveria reações desencadeadas pelo ódio e insatisfação latentes? Penso na morte de George Floyd em maio de 2020 em Minneapolis e no que esse incidente provocou em todo o país. Nesses casos, há uma tendência de ocorrer um efeito cascata. Isso aconteceu em 1968 com o assassinato de Martin Luther King, quando houve tumultos em todo o país. Novamente, ao aprendermos com o

passado podemos projetar o futuro.

A maioria das pessoas tentaria viver uma vida normal. Note que eu disse “tentaria”, pois essa é a nossa atual situação. A maioria dos estadunidenses está *tentando* viver uma vida normal. O problema é que as diretrizes estão mudando, e talvez de forma irrevogável.

Recentemente, ouvi um comentário pertinente: “Hoje, todas as regras de vida estão sendo atacadas”. Isso é verdade. A maioria vê isso e muitos estão apreensivos. Estamos em um período de distúrbios civis, mas continuamos tentando viver uma vida normal.

Jesus disse que seria assim: “E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.” (Mateus 24:37-39).

Assim como nos dias de Noé, as normas mudaram, as pessoas estão divididas e o julgamento está chegando.

Desonrando a ordem natural da vida

A anulação do precedente legal *Roe vs. Wade*, que legalizava o assassinato de bebês nascituros, foi uma decisão acertada e necessária da Suprema Corte. Mas ainda há muita podridão na sociedade. O aborto ainda é legal na maioria dos estados. A cultura foi corrompida durante meio século de “holocausto cultural”. Apesar de muitos juristas elogiarem a Suprema Corte por devolver aos estados e ao povo, através de seus representantes eleitos, a prerrogativa de legislar sobre o pacto social, o fato é que cinco décadas dessa pavorosa legalização do infanticídio deturpou a bússola moral das pessoas.

A decisão da Suprema Corte de 2015 sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo seguiu a corrente do declínio moral e da divisão social, criando um país onde aqueles que defendem a definição bíblica do casamento e da vida humana são considerados párias. Aquela decisão sobre o aborto afrontava a santidade da vida humana e agora essa sobre o casamento homoafetivo mina a base moral da sociedade.

Embora sua premissa legal inexista, essa decisão fere mortalmente a sanidade e a estabilidade natural da sociedade e desencadeia reações devastadoras. Nenhuma sociedade sábia trata a definição bíblica do casamento e da família como uma “escolha”. Casamentos estáveis equilibram uma cultura, honram a Deus e proporcionam um ambiente favorável à criação da próxima geração de filhos. O casamento entre pessoas do mesmo sexo desonra a ordem natural da vida e viola a eterna lei espiritual de Deus. E também significa uma sentença de morte para a humanidade, que é outra manifestação de suicídio cultural.

Até aqueles que se identificam como cristãos têm participado dessa afronta à santidade do casamento e da família. As taxas de divórcio entre os que afirmam ser cristãos têm sido altas por muitas décadas. A coabitação sem o compromisso do casamento também é alta entre esse grupo. Muito antes de o casamento homoafetivo ter sido legalizado, a instituição do casamento já vinha sendo prejudicada por aqueles que deveriam ser bons exemplos.

O aborto e o casamento homoafetivo, e agora a crescente influência do movimento LGBTQIA+, solaparam a moralidade nos Estados Unidos e em outras nações ocidentais. A polarização política se aprofundou nas últimas décadas. Os excessivos gastos

do governo estadunidense pioraram a economia, trazendo de volta taxas de inflação de quarenta anos atrás. A confiança no governo federal está no nível mínimo histórico.

Todos esses e muitos outros fatores levaram a essa grande divisão que vemos hoje nos Estados Unidos. Em sua essência, essa é uma divisão sobre a fundação cultural e o rumo da nação. Alguns se apegam aos princípios e valores sobre os quais a nação foi fundada enquanto outros negam e desafiam esses mesmos princípios e valores.

Essa divisão social no país levou outros países a duvidarem dos Estados Unidos como um aliado capaz de garantir a estabilidade mundial. O resultado disso é que outras nações, como China e Rússia, se sentem encorajadas a impor seus próprios objetivos. A Rússia invadiu a Ucrânia. O mundo está na expectativa de um ataque da China a Taiwan, que há muito tempo deseja incorporar esse estado insular ao seu território.

A questão que paira sobre o mundo é esta: Podemos confiar em um Estados Unidos dividido? Isso é o que está em jogo por causa dos problemas internos que a nação está enfrentando.

Os Estados Unidos estariam cometendo suicídio?

Alguns dizem que o único país suficientemente poderoso para destruir os Estados Unidos é ele mesmo. Abraão Lincoln também pensava assim. Num discurso em 1838, ele disse: “Até que ponto, então, deve-se esperar a aproximação do perigo? Respondo: se algum dia ele chegar, terá nascido entre nós. Não virá do exterior. Se nossa sina é a destruição, seremos nós os autores e consumidores dela. Como nação de homens livres, viveremos para sempre ou morreremos por suicídio” (Discurso no Liceu, grifo nosso).

Contudo, por mais divididos que os Estados Unidos possam estar, ele ainda é o país mais poderoso do mundo. Apesar de tudo isso, esse país pode e vai continuar exercendo esse papel por mais algum tempo. O Império Romano durou centenas de anos mesmo com muitas divisões internas. Entretanto, isso foi no mundo antigo, e muitos fatores são diferentes hoje em dia. Certamente, o presidente Lincoln guiou a nação durante aquela guerra civil e a república conseguiu sobreviver e tornar-se a maior nação de toda a história. Os estadunidenses de hoje são os herdeiros de toda essa história.

Mas hoje há uma diferença entre Roma e os Estados Unidos— e entre os Estados Unidos da época de Lincoln e o atual. A diferença está no papel que Deus entregou aos Estados Unidos atualmente, que diz respeito a Sua obra entre as nações visando um grandioso propósito espiritual. Os Estados Unidos vão continuar nesse papel apenas enquanto Deus permitir. (Para saber mais sobre o propósito divino para os Estados Unidos, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*).

Muita coisa tem sido escrita sobre a fundação dos Estados Unidos por homens que acreditavam na providência divina e no Deus da Bíblia. Os peregrinos desembarcaram nessas praias em busca de liberdade religiosa, e muitos deles olharam para a terra diante deles como um tipo de Terra Prometida para a qual Deus trouxe a antiga nação de Israel sob a liderança de Moisés e Josué. As raízes judaico-cristãs da nação estão bem documentadas.

Essa parte da história estadunidense é verdadeira, mas precisa ser entendida dentro do propósito divino de que as bênçãos vêm quando um povo crê e segue pelo menos uma fração da verdadeira



Faça a diferença no meio em que você vive. Você pode fazer a diferença em seu entorno ao entender o grande propósito de Deus para todo ser humano.

Palavra de Deus. Em um sentido mais amplo, os Estados Unidos nunca foram “um país inteiramente submisso a Deus”. Contudo, apesar de suas falhas e fraquezas, ele tem sido, de certa forma, uma bênção para todas as nações do mundo. O mundo tem sido um lugar melhor por causa dos Estados Unidos e suas nações-irmãs de língua inglesa (mais uma vez, leia nosso guia de estudo bíblico gratuito que acabamos de mencionar).

O que Deus disse à antiga Israel ainda se aplica aos dias atuais: “Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que O invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que Eu hoje vos proponho? Tão-somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida” (Deuteronomio 4:7-9, ARA).

O que o futuro reserva para os Estados Unidos?

Os Estados Unidos têm se recusado reiteradamente a atender a esse sábio conselho de seu Criador. Os graves pecados dessa nação são uma vergonha e um constrangimento para todos. Aqueles que defendem Deus e os valores bíblicos estão sendo cada vez mais ridicularizados e, frequentemente, perseguidos e silenciados.

Hoje, ninguém virá salvar os Estados Unidos. Deus não vai resgatar essa nação desse futuro tempo de calamidade. O país tem desafiado as leis de Deus e permanecido muito tempo nos altares da idolatria. Assim como a antiga Israel, a decadência e a podridão se espalharam por todo o corpo da nação.

E as palavras de Isaías resumem isso: “Ah, nação pecadora, povo carregado de iniquidade! Raça de malfetores, filhos dados à corrupção! Abandonaram o Senhor; desprezaram o Santo de Israel e o rejeitaram. Por que continuarão sendo castigados? Por que insistem na revolta? A cabeça toda está ferida, todo o coração está sofrendo. Da sola do pé ao alto da cabeça não há nada são; somente machucados, vergões e ferimentos abertos, que não foram limpos

► (continua na página 10)



A Crise Social dos Estados Unidos Afeta o Mundo

Enquanto os Estados Unidos estão se dividindo cada vez mais, o mundo todo sente os efeitos dessa fragilidade em sua liderança, surgindo assim mais intrigas e disputas entre as nações.

por Peter Eddington

Esse fenômeno de divisão social não se limita aos Estados Unidos. Estamos vendo isso em todo o mundo, particularmente em nações ocidentais, como Austrália, Reino Unido, Canadá e Nova Zelândia, aliados dos Estados Unidos. E essa convulsão social tem sido agravada por incertezas nos Estados Unidos, que afeta a boa política e a economia global, resultando na perda de respeito deste país no cenário mundial.

E o que isso significará para o mundo daqui para frente?

Perda da confiança mundial

Nos últimos três séculos, tivemos dois importantes países liderando o Ocidente—o Império Britânico e os Estados Unidos. Através dessas grandes potências, em certa medida, houve incentivo e manutenção da lei e da ordem em grande parte do mundo.

Por exemplo, todas as formas de escravidão foram proibidas em todo o mundo pelo Ocidente—primeiramente pela Inglaterra e depois pelos Estados Unidos. E vimos o fluxo do comércio global sendo garantido por essas duas grandes potências, que impuseram rotas marítimas e passagens livres em locais críticos ao redor do mundo, facilitando o transporte de alimentos, bens e serviços para todas as nações.

Grande parte da prosperidade dos séculos XX e XXI só foi possível graças a esses dois “policiais globais”, que reprimiram ameaças de guerra, de bloqueios navais e de terrorismo. Isso permitiu o livre comércio e o desenvolvimento das nações do mundo.

Mas o que acontece quando deixamos de apoiar a polícia? O que acontece quando o “policimento global” é enfraquecido e visto como impotente? Abundam o crime, a instabilidade, o terrorismo, a fome e o caos.

O respeito pelo poder e intervenção dos Estados Unidos está diminuindo rapidamente no mundo. O monumental fracasso da retirada dos Estados Unidos do Afeganistão—em que estadunidenses e apoiadores foram deixados para trás e também bilhões de dólares em equipamentos militares e uma grande base aérea confiscados pelo Talibã e seus aliados chineses—foi uma trágica reviravolta em sua história.

Os inimigos do Ocidente não temem mais um confronto com os Estados Unidos e seus aliados, pois não receiam represálias nem se importam com o que possa acontecer. Algumas nações desobedecem quase impunemente ao estado de direito mundial. Elas estão se sentindo mais livres para fazer o que quiserem. O “policial do mundo” tem sido desdenhado—em um sentido ideológico.

E isso tem a ver com a divisão interna dos Estados Unidos. A divisão política que está levando o caos a todo o sistema eleitoral dos Estados Unidos migrou para as cidades e comunidades e para todo o país, causando convulsões sociais, aumentando os índices de criminalidade, os protestos violentos, os tumultos e os assassinatos. E isso tem sido seguido por uma crescente instabilidade e caos também nos países ocidentais aliados.

Em 1953, o cartunista político Daniel Fitzpatrick desenhou algo que se tornou uma peça famosa intitulada “As America Goes So Goes the World” (O Mundo Vai Aonde os Estados Unidos Forem, em tradução livre). Nesse cartum dois braços estendidos são retratados, um em cada lado do Capitólio dos Estados Unidos, estendendo-se sobre o mundo, um deles segurando uma tocha de liberdade brilhando com as palavras “Liberdades Civis” e “Direitos Civis” e o outro segurando uma bola de ferro e uma corrente. A mensagem é que enquanto os Estados Unidos incentivarem a liberdade, o mundo desfrutará mais dela. Entretanto, se os Estados Unidos se tornarem opressores e cerceadores das liberdades individuais, o mundo todo sentirá o efeito disso.

Falha na liderança acarreta graves repercussões

O caos no mundo está aumentando rapidamente por causa da falta de liderança estadunidense segundo os princípios divinos. A abolição dos valores bíblicos nos Estados Unidos está causando um efeito cascata em todo o mundo.

Muitos especialistas têm concluído que se tivesse havido uma oposição estadunidense mais firme contra a invasão russa da Ucrânia esta não teria acontecido. A Rússia não teria arriscado ir contra o Ocidente. Porém, atualmente o Estados Unidos é visto como fraco e incapaz.

Esse conflito trouxe uma crise energética e alimentar em todo o mundo. Desde que os Estados Unidos adotaram políticas que os tornaram mais dependentes de outras nações quanto aos recursos energéticos, eles perderam a capacidade intimidatória para desencorajar qualquer guerra—pois precisam comprar mais petróleo de regimes despóticos como Arábia Saudita, Rússia e Venezuela. E o fato de a Europa depender muito do petróleo e gás russo também prejudica a dissuasão desse conflito Ucrânia-Rússia.

Atualmente, todos os olhos estão voltados para os possíveis movimentos da China quanto a Taiwan—aproveitando-se do papel fragilizado dos Estados Unidos como grande superpotência mundial. Além da diminuição de sua capacidade e determinação para agir quando necessário, os Estados Unidos ficaram acuados pelo fato de muitas linhas de fornecimento de bens críticos estarem baseados na China. E parece que muitos dos principais políticos estadunidenses estão particularmente comprometidos com os chineses, o que torna a nação menos propensa a agir quando necessário ou ir além de expressar sua oposição.

Algo ainda mais preocupante é o fato de que grande parte da ajuda e intervenção militar que vemos na Ucrânia, e talvez em Taiwan e em outros lugares, pode não ter um intuito tão nobre como foi dito, mas uma intenção de prolongar o conflito para obter ganhos financeiros e apoio para aumentar o poder e a riqueza da indústria armamentista—ou até mesmo outros objetivos daqueles que almejam crises internacionais para arruinar alguns sistemas políticos do mundo.

Em todo o caso, as sanções contra a Rússia não estão impedindo a invasão da Ucrânia. As exportações de energia continuam ocorrendo. Toda essa fraqueza, confusão e desatenção fortalecem a visão de que o Ocidente não tem a determinação de se opor à essa agressão militar.

A crise global de energia—causada em parte pela Rússia que ignora os Estados Unidos e o Ocidente—se traduziu diretamente no aumento da inflação e dos custos de alimentos e suprimentos básicos. A escassez de fertilizantes, necessários para a agricultura, é uma consequência direta da guerra na Ucrânia—assim como a falta de óleo de girassol usado na culinária em todo o mundo.

A Ucrânia é o maior exportador mundial de óleo de girassol,

mas a invasão russa tornou praticamente impossível o cultivo, a produção e o transporte desse produto—elevando os preços globais e acirrando a demanda por esse produto em todos os cantos do mundo.

Todos estão sendo impactados pelo fracasso da liderança mundial dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais.

Em meio à crise surge a “solução”

Uma futura solução para essa grave crise global pela ausência de uma liderança ocidental sábia e estável pode não ser o que você esperava. Surgirá uma “solução”, aparentemente formidável e surpreendente. O mundo encontrará um “salvador” para resolver esse caos.

Quem se apresentará como esse aguardado salvador? Como revela a profecia bíblica, uma “besta”—um poder político com características de um animal temível—vai surgir. Então, vai parecer que o mundo voltou à normalidade sob o comando desse novo “policia global”.

O carismático líder desse poder político, também chamado de Besta, será apoiado por um grande sistema religioso liderado por um falso profeta que “faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens” (Apocalipse 13:13). “E os que habitam na terra se admirarão...vendo a besta” (Apocalipse 17:8).

E será admirável! Essa nova superpotência mundial trará o que parece ser estabilidade e segurança econômica. “Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria” (Apocalipse 18:3, ARA). Mas o governo dessa Besta e do Falso Profeta que a acompanha será curto—durará apenas alguns anos. O que parecia ser a salvação da humanidade *de repente vai se tornar um pesadelo*. Em vez disso, esse será um governo mundial opressivo e ditatorial que vai piorar muito a situação. E no fim, Jesus Cristo terá que detê-lo para que o mundo não seja totalmente destruído.

A queda desse governo bestial será repentina: “Porque, em uma só hora [um tempo muito curto], ficou devastada tamanha riqueza!... Então, vendo a fumaceira do seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade? Lançaram pó sobre a cabeça e, chorando e pranteando, gritavam: Ai! Ai da grande cidade, na qual se

Visão Geopolítica: O Alinhamento dos Países

Além das divisões físicas e geográficas, nosso mundo tem sido assolado por diferenças políticas, raciais, religiosas e ideológicas que separam as nações umas das outras.

Na Wikipédia, o artigo “East–West Dichotomy” (A Dicotomia Ocidente–Oriente, em tradução livre) afirma: “Na sociologia, a dicotomia Ocidente–Oriente é a diferença percebida entre os mundos oriental e ocidental. Isso diz respeito à divisão cultural e religiosa em vez de geográfica, pois as fronteiras do Oriente e do Ocidente não são fixas, mas variam de acordo com os critérios adotados por quem usa esse termo...Conceitualmente, as fronteiras são culturais e não geográficas, e como resultado disso, a Austrália está tradicionalmente associada ao Ocidente (apesar de estar geograficamente no oriente), enquanto as nações islâmicas são, independentemente da localização, associadas ao oriente”.

Hoje em dia, é muito fácil perceber essa dicotomia em nosso mundo. E cada lado dela ainda tem subdivisões. O Ocidente tem as nações da anglosfera que cooperam na chamada Aliança Cinco Olhos (FVEY, sigla em inglês)—um acordo entre Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos. Esses países se reuniram a partir do Tratado UKUSA que visava a cooperação entre as inteligências dessas nações, cujas origens remontam à Segunda Guerra Mundial. Outra aliança gigante no Ocidente é a da União Europeia, que é bastante desafiada pelas nações do Oriente, que vivem de acordo com a ideologia oriental.

Essa grande divisão entre o Oriente e o Ocidente tem enormes implicações quando se trata de um fundamento para a guerra. Estamos vendo essa barreira se tornar cada vez mais pronunciada pela guerra na Ucrânia, pois este país tem o apoio do Ocidente e a Rússia conta com o apoio da China e de outras nações orientais. E a cada dia essa divisão se torna mais profunda e perigosa.



enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque, em uma só hora, foi devastada!” (Apocalipse 18:17-19, ARA).

Esse sistema corrupto—um governante político maligno, o grande falso profeta e uma igreja mundial—será julgado e destruído de forma rápida por Jesus Cristo. Os verdadeiros seguidores de Jesus serão resgatados, após sofrer terrivelmente nas mãos dessa Besta cruel: “E nela [no sistema babilônico da Besta] se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (versículo 24).

Enfim, a verdadeira solução!

Jesus Cristo voltará para destituir esse líder mundial ímpio e toda resistência ao governo divino, trazendo a única solução para acabar com o sofrimento da humanidade—o *Reino de Deus*. O retorno de Jesus para estabelecer o Reino de Seu Pai está descrito, de forma magnífica, em Apocalipse 19:11-16:

“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. E os Seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão Ele mesmo...E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro...E na veste e na Sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”.

Então, pela paz, alegria e esperança da humanidade, e através de Cristo e Seu exército celestial, “a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem” (versículo 20).


Além disso, o apóstolo João explica o futuro glorioso daqueles que outrora foram perseguidos e assassinados por esse perverso

governo mundial da Besta: “E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Apocalipse 20:4).

Os cristãos fiéis, que não se comprometeram com esse sistema econômico cruel da Besta e seus falsos decretos religiosos, serão resgatados e receberão uma vida imortal no retorno de Jesus.

Então, o mundo inteiro, sob a liderança de seu verdadeiro Salvador, Jesus Cristo, terá a oportunidade de desfrutar uma vida cheia de paz e esperança—a todos também será oferecida a vida imortal na família de Deus pelo acesso à água da vida, que simboliza o Espírito de Deus e as bênçãos infinitas. E Deus então dirá: “Está cumprido; Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer herdará todas as coisas, e Eu serei Seu Deus, e ele será Meu filho” (Apocalipse 21:6-7).

Esse é o nosso grandioso e emocionante destino! Você também pode herdar todas as coisas que Deus Pai e Jesus Cristo têm a oferecer. Uma vida eterna e imortal sem sofrimento ou tristeza. Precisamos continuar orando e pedindo que “Venha o Teu Reino” e vivendo em santidade cotidianamente em preparação para esse grande dia! **BN**



SAIBA MAIS

Essa é uma visão breve e geral do que a profecia bíblica revela sobre o que acontecerá no tempo que antecederá o retorno de Jesus Cristo. Poucos entendem isso, mas você pode entender! Peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito, *Você Pode Entender a Profecia Bíblica*, para saber mais!

www.revistaboanova.org

► (“Os Estados Desunidos da América” cont. da pg.7)

nem enfaixados nem tratados com azeite” (Isaías 1:4-6, NVI).

A profecia bíblica revela a *queda* dos Estados Unidos como uma consequência de seus próprios pecados, rebelião e divisões. Essa será a fase inicial de um tempo de crise sem precedentes que envolverá todo o mundo nos anos que antecederem o retorno de Jesus Cristo. Ele descreveu esse período como um tempo de “grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais” (Mateus 24:21).

Mas esse não será o fim da história. Pois, Jesus intervirá pessoalmente, quando a humanidade estiver à beira da extinção (versículo 22), e nos salvará de nós mesmos. Ele estabelecerá o Reino de Deus na Terra e trará mil anos de paz ao mundo (ver edição setembro-outubro de 2022 desta revista e nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Evangelho do Reino de Deus*).


E o que o futuro reserva para você?

Agora é a hora de você saber o que precisa fazer. Essa é a hora de você buscar o Deus da verdade e adorá-Lo em espírito e em verdade com todo o seu ser. O fato de você apenas crê em Deus e na Bíblia não o salvará do que está por vir!

Faça a diferença no meio em que você vive. Certamente, há

tendências e assuntos fora de seu controle que você não vai conseguir mudar. Você pode fazer a diferença em seu entorno ao entender o grande propósito de Deus para todo ser humano.

Deus responsabiliza cada indivíduo por suas próprias escolhas. *Mude a si mesmo* e escolha a retidão. Afaste-se dos pecados que devoram as nações. Evidentemente, você não pode fazer isso sozinho. Você precisará *olhar para o alto*. Mantenha sua lealdade acima das divisões deste mundo, vivendo “o primeiro e grande mandamento” (Mateus 22:37-38)—“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento”. Aqueles que atendem essa admoestação são os que Deus abençoará e recompensará eternamente! **BN**



SAIBA MAIS

Por que os Estados Unidos ficaram tão divididos? O que está no cerne desse problema? E qual será o resultado disso tudo? Acredite ou não, as respostas estão nas páginas de sua Bíblia! Peça ou baixe hoje mesmo seu exemplar gratuito de nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*!

www.revistaboanova.org



Jesus Cristo Realmente Existiu?

Jesus Cristo era real? Há alguma evidência disso? Apesar do que talvez você tenha ouvido, a documentação histórica é convincente sobre Sua existência. E você precisa entender não apenas para que Ele veio, mas também por que Ele veio!

por Darris McNeely

Jesus de Nazaré foi uma pessoa real? Será que Ele realmente existiu? As histórias escritas sobre Ele na Bíblia são verdadeiras? Estas são perguntas importantes e é crucial que você saiba as respostas!

Alguns argumentam que Jesus não poderia ter existido porque não existem registros históricos do primeiro século que O mencionam. Mas é bem claro que *existem* biografias contemporâneas escritas sobre Ele—de fato, quatro delas, por diferentes autores. Elas são chamadas de Evangelhos e se encontram na Bíblia.

Mas isso não é o suficiente para aqueles que estão determinados a *não crer* em Jesus Cristo. Eles insistem em querer mais. Eles exigem registros escritos dos historiadores contemporâneos do primeiro século que não eram discípulos de Jesus.

Mas ao fazer isso, eles estão exigindo um nível que poucos personagens históricos do mundo antigo poderiam atender. Afinal de contas, *pouquíssimas* histórias sobreviveram desde o primeiro século, e, basicamente, as únicas obras romanas consideráveis e em grande parte completas escritas nessa época é um manual sobre agricultura, uma comédia de um amigo de um dos imperadores e alguns outros escritos—nenhum dos quais seria de se esperar que incluísse qualquer menção ao cristianismo ou a Jesus Cristo.

Os historiadores romanos que mencionam Jesus e o cristianismo

No entanto, os historiadores estão cientes da existência de algumas obras romanas do início do segundo século, que mencionam Jesus Cristo e o cristianismo. Essas incluem:

- *A Vida dos Doze Césares*, por Caio Suetônio Tranquilo, um oficial de justiça romano e secretário-chefe do Imperador Adriano, escrita em torno de 120 d.C.
- *Cartas de Plínio, o Jovem*, um funcionário do governo romano no centro-norte da Turquia, escritas por volta de 120 d.C.
- *Anais*, do historiador romano Tácito, escrito em 115 d.C.

Além destes, o famoso historiador judeu do primeiro século, Josefo, escreveu sobre Jesus e uma série de outros personagens mencionados nos Evangelhos. Vamos tratar sobre ele um pouco mais adiante.

Seguidores de “Crestos” banidos de Roma

Caio Suetônio Tranquilo (conhecido apenas como Suetônio),

escrevendo em torno de 120 d.C., registra que o imperador Cláudio “baniu os judeus de Roma, que estavam continuamente causando distúrbios, e Crestos [Cristo] era seu líder” (*A Vidas dos Doze Césares: A Vida de Cláudio*).

Cláudio reinou entre 41 e 54 d.C. Neste ponto da história, os romanos não viam nenhuma diferença entre judeus e cristãos, uma vez que grande parte acreditava e praticava as mesmas coisas, então, aparentemente, Cláudio expulsou a todos.

O que é significativo nessa breve declaração de Suetônio é que certo número de judeus em Roma havia se tornado seguidores de “Crestos”, que parece ser um erro de escrita da palavra “Christus”, a forma latinizada de “Cristo”. Então vemos que cerca do ano 50 d.C., já havia um número significativo de cristãos em Roma, e isso levou a um conflito com as autoridades romanas—o motivo exato não é informado.

Os historiadores estão cientes da existência de algumas obras romanas do início do segundo século que mencionam Jesus Cristo e o cristianismo.

A expulsão dos judeus de Roma é mencionada na Bíblia, em Atos 18:2: “E [Paulo] encontrando um judeu por nome Áqüila, natural do Ponto, que pouco antes viera da Itália, e Priscila, sua mulher (porque Cláudio tinha decretado que todos os judeus saíssem de Roma), foi ter com eles”.

O que é notadamente interessante é a similaridade dessa breve menção com o que lemos no livro de Atos. Na Festa de Pentecostes, quando a Igreja foi fundada, como registrado em Atos 2, em 31 d.C., lemos que “os visitantes de Roma” estavam entre aqueles que testemunharam os acontecimentos milagrosos de Atos 2:6-12. Naquela época, pessoas que falavam vários idiomas e dialetos, mais de uma dúzia de diferentes partes do Império Romano, ouviram os apóstolos “falar em suas próprias línguas as grandezas de Deus”.

Não sabemos quando os primeiros cristãos apareceram em Roma, mas não é um exagero supor que alguns daqueles, que estavam em Jerusalém para o Pentecostes, quando voltaram, divulgaram o que viram em Roma, e isso se espalhou entre judeus e prosélitos do



judaísmo—levando cerca de duas décadas depois à expulsão de judeus e cristãos de Roma.

Como lidar com os cristãos que não adoravam o “divino imperador”?

Por volta de 120 D.C., Plínio, o Jovem, um funcionário do governo romano, que vivia onde hoje é o centro-norte da Turquia, escreveu ao imperador Trajano pedindo conselhos sobre como lidar com os cristãos que se recusavam a reverenciar a imagem do imperador romano. Plínio observou que esses cristãos se reuniam regularmente e cantavam hinos “a Cristo, como a um deus” (*Cartas* 10:96:7).

Dois fatos são imediatamente notáveis nessa breve menção aos cristãos e ao cristianismo. O primeiro é que havia um número considerável de seguidores de Jesus Cristo no norte da Ásia Menor menos de cem anos após Sua morte. Um segundo fato notável é que essas pessoas se reuniam e cantavam hinos a Cristo, “como a um deus”.

O primeiro fato é notável porque é exatamente o padrão que vemos uma e outra vez no livro de Atos: os primeiros instrutores cristãos, como Paulo, Barnabé e Apolo iam de cidade em cidade na Ásia Menor (atual Turquia) e na Grécia, proclamando a divindade e a ressurreição de Jesus Cristo e que a salvação somente era possível através dEle. Às vezes, eles enfrentavam muita hostilidade; e outras vezes eles encontravam um público receptivo, então, lento e progressivamente, o cristianismo começou a se espalhar—apesar das perseguições.

O segundo fato também é relevante porque a pergunta de Plínio ao imperador mostra que os cristãos consideravam a Jesus Cristo como um ser divino. E sua correspondência mostra que eles estavam tão firmes nessa crença que alguns se recusavam a renunciá-la mesmo sob pena de tortura e morte!

Mais uma vez, esse é o padrão que vemos, uma e outra vez, no livro de Atos—pessoas que estavam tão decididamente convencidas de que Jesus Cristo era uma pessoa real, que viveu, morreu e foi ressuscitado para a vida, que estavam dispostas a morrer do que renunciar a essa crença.

“Christus...sofreu a penalidade máxima no reinado de Tibério às mãos de...Pôncio Pilatos”

A informação mais completa que temos de um escritor romano sobre esse período vem de Públio (ou Gaio) Cornélio Tácito, um senador e historiador romano, que nasceu por volta de 56 d.C. e escreveu suas obras no início do segundo século. Sendo um historiador, ele relatou o fogo devastador em Roma, ocorrido em 64 D.C., durante o reinado do imperador Nero. Observe o que ele acrescenta numa discussão sobre Nero ter culpado aos cristãos pelo incêndio:

“Para destruir o boato (que o acusava do incêndio de Roma), Nero supôs culpados e infringiu tormentos requintadíssimos àqueles cujas abominações os faziam detestar, e a quem a multidão chamava cristãos. Este nome lhes vem de Christus, que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício. Reprimida incontinenti, essa detestável superstição repontava de novo, não mais somente na Judeia, onde nascera o mal, mas anda em Roma...”

Então, o que podemos aprender com esse relato do historiador

Tácito sobre as condições em Roma em 64 D.C.? Tenha em mente que Tácito não era amigo dos cristãos. Ele considerava o cristianismo uma “detestável superstição”, como muitos o consideram hoje.

- Naquele tempo, havia um grupo em Roma—quase três décadas após a crucificação de Jesus—conhecido como “cristãos”.

- Eles foram chamados “cristãos” nomeados após alguém chamado “Christus” (a forma latina de “Cristo”).

- O líder deles, “Christus”, foi executado durante o governo do procurador Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) e do reinado do imperador Tibério (14-37 d.C.).

- Os romanos pensavam que os cristãos acreditavam em “uma detestável superstição”.

- Os cristãos foram “detestados por suas abominações”.

- O movimento teve origem na Judéia (a Terra Santa) e se espalhou por Roma.

- Por volta de 64 d.C, havia uma “grande multidão” de cristãos em Roma.

Novamente, isso é surpreendente porque corrobora exatamente o que lemos nos Evangelhos e no livro de Atos (incluindo o tempo da crucificação de Cristo durante o governo de Tibério e Pôncio Pilatos, Lucas 3:1-2).

Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, cita muitas pessoas mencionadas no Novo Testamento, inclusive Jesus, João Batista e Tiago, o meio-irmão de Jesus.

O que era essa “detestável superstição” que os cristãos acreditavam? Tácito não disse. Teria sido a crença de que um homem crucificado ressuscitou dos mortos? Ou a de que os próprios cristãos acreditavam que também ressuscitariam dos mortos? Ou a de que seu líder, “Christus”, voltaria como Rei de um Reino que substituiria Roma e governaria o mundo?

Não sabemos, mas a formulação de Tácito sobre esse movimento enraizado ser “uma detestável superstição” é bastante surpreendente—especialmente porque os romanos, com sua imensa variedade de crenças religiosas pagãs, aceitavam quase tudo, *exceto* a ressurreição dos mortos!

Josefo menciona a João Batista

Vejamos outro escritor não cristão, o famoso historiador judeu Flávio Josefo. Ele escreveu as obras *A Guerra dos Judeus* e *História dos Hebreus* no fim do primeiro século. Em *História dos Hebreus*, Josefo refere-se a muitas pessoas nomeadas no Novo Testamento, inclusive a Jesus, a João Batista e a Tiago, o meio-irmão de Jesus.

Nascido em uma família sacerdotal em 37 d.C., Josefo foi bem educado e, como comandante militar, liderou um destacamento de judeus na Galileia durante a revolta judaica entre 66-70 d.C. até ser capturado pelos romanos. No fim da guerra, ele foi para Roma com o general romano Tito, onde viveu e escreveu até à sua morte, em torno do ano 100 d.C.

Aqui está o que Josefo escreveu sobre João Batista e seu carrasco, Herodes Antipas:

“Vários judeus julgaram a derrota do exército de Herodes um

castigo de Deus, por causa de João, cognominado Batista. Era um homem de grande piedade que exortava os judeus a abraçar a virtude, a praticar a justiça e a receber o batismo...

“Como uma grande multidão o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que ele, pela influência que exercia sobre eles, viesse a suscitar alguma rebelião, porque o povo estava sempre pronto a fazer o que João ordenasse, julgou que devia prevenir o mal, para depois não ter motivo de se arrepender por haver esperado muito para remediá-lo.

“Por esse motivo, mandou prendê-lo numa fortaleza em Maquera, de que acabamos de falar, e os judeus atribuíram a derrota de seu exército a um castigo de Deus, devido a esse ato tão injusto” (*História dos Hebreus*, cap. 7, pp. 878-879).

Novamente, isso corresponde muito ao que lemos sobre João nos Evangelhos. Mateus 3:1-10, Marcos 1:1-6 e Lucas 3:1-14 mencionam a popularidade de João e a mensagem de arrependimento, como registrada por Josefo décadas mais tarde. E Mateus 14:3-12 descreve a cena no palácio de Herodes, quando João foi executado por ordem de Herodes.

Josefo e Tiago, “irmão de Jesus, que era chamado de Cristo”

Além de vários governantes e membros da família do sumo sacerdote mencionados nos Evangelhos (e confirmados através de descobertas arqueológicas), Josefo também menciona Tiago, meio-irmão de Jesus Cristo:

“Ele [Ananias, o sumo sacerdote] aproveitou o tempo da morte de Festo, e Albino [o sucessor] ainda não tinha chegado, para reunir um conselho, diante do qual fez comparecer *Tiago, irmão de Jesus, chamado Cristo*, e alguns outros; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento” (ibidem, cap. 8, p. 979).

Esse Tiago é o autor do livro bíblico que leva seu nome. Embora meio-irmão de Jesus, ele, a princípio, não cria em Sua messianidade (João 7:5), mas depois da morte e ressurreição de Jesus ele estava entre aqueles reunidos em Jerusalém, na festa de Pentecostes, quando a Igreja foi fundada, ca. 31 d.C. (Atos 1:14).

Portanto, temos aqui três grandes personagens do Novo Testamento—João Batista, o apóstolo Tiago, meio-irmão de Jesus, e Jesus, que foi chamado Cristo ou Messias—mencionados por um historiador judeu, posteriormente, no mesmo século. Será que Josefo sabia algo mais sobre Jesus?

O relato de Josefo sobre Jesus Cristo

Observe isso (trechos negritados para a próxima análise): “Nesse mesmo tempo, apareceu Jesus, que era um homem sábio, **se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras**. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muito judeus, mas também por muitos gentios. **Ele era o Cristo**”.

“Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. **Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres**. É dele que os cristãos, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome” (ibid. cap. 4, p. 872).

Enquanto muitos estudiosos defendem partes ou a totalidade

desse texto, ele é citado pelo historiador grego Eusébio em 315 d.C. e aparece dessa mesma forma em todas as mais antigas cópias restantes das obras de Josefo.

Os trechos em **negrito** são muito estranhos em se tratando de um escritor judeu que, provavelmente, não era cristão. A maioria dos estudiosos concorda que os trechos negritados foram adicionados em algum momento, no segundo ou terceiro século, numa cópia feita por um escriba, o que significaria esses trechos em negrito não seriam as próprias palavras de Josefo. Para apoiar esse ponto de vista, cita-se uma versão em árabe desse trecho da obra de Josefo, que aparentemente foi preservado em sua forma original. Onde lê-se desta forma:

“Nessa época havia um homem sábio chamado Jesus, e sua conduta era boa, e ele era conhecido por ser virtuoso. E muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o a morrer crucificado. Mas aqueles que se tornaram seus discípulos não abandonaram sua lealdade a ele. Eles relataram que ele lhes havia aparecido três dias após a sua crucificação, e que ele estava vivo. Consequentemente, eles acreditavam que ele era o Messias, a respeito de quem os profetas contavam maravilhas”.

Aparentemente, isso deixa de fora as partes adicionadas posteriormente sobre Jesus fazer milagres, que ele *era* o Messias anunciado pelos profetas, mas o texto diz que os crentes acreditavam que Ele ressuscitou dentre os mortos, como relatado noutras cópias. Ao que parece, esse manuscrito árabe foi copiado do original, que Josefo escreveu, antes de um escriba adicionar suas próprias ideias ao texto. A maioria dos estudiosos que se debruçaram sobre isso concorda que, originalmente, Josefo escreveu sobre Jesus, mas, posteriormente, um escriba editou o relato de Josefo, inserindo suas crenças cristãs.

Independentemente disso, aqui, nessa mais extensa história preservada da Judéia do primeiro século, nós temos a confirmação da existência de Jesus, assim como de João Batista e de Tiago, o meio-irmão de Jesus!

Temos também a confirmação dos pontos essenciais dos Evangelhos e do livro de Atos—de que Jesus era um homem sábio e virtuoso e que tanto judeus como gregos escolheram segui-Lo como o Messias, que Ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e que Ele foi tido como ressuscitado para a vida e apareceu a Seus seguidores três dias após Sua morte.

Aqueles que negam a existência de Jesus Cristo têm que explicar não apenas uma série de referências específicas a Ele, mas também as referências históricas a seu meio-irmão Tiago e a João Batista, além das declarações dos historiadores, confirmando os principais temas e fatos dos Evangelhos e do livro de Atos!

Certamente, Jesus existiu — mas e quanto a Sua mensagem?

A Bíblia, que declara ser a Palavra inspirada de Deus, diz que Jesus viveu, morreu e ressuscitou para a vida novamente e que Ele era o Filho de Deus e também Deus em carne e osso. A Bíblia demonstra que é uma história verdadeira e precisa, atestando sobre a vida de pessoas que realmente viveram e caminharam com Deus e acerca dos eventos que ocorreram no tempo e na maneira indicada (ver o nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Bíblia Merece Confiança?*).

Como vimos, as obras remanescentes dos primeiros




historiadores, que escreveram sobre esse período, testemunham que Jesus era real e foi, sem dúvida, um personagem histórico que viveu no primeiro século. Tanto a história quanto o peso da tradição afirmam esta verdade.

A próxima pergunta óbvia é: *Ele foi quem disse que era?* Ou seja, Ele era Deus? Era Ele Deus na carne?

Como teólogo, C. S. Lewis escreveu: “Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la” (*Cristianismo Puro e Simples*, 1996, p. 23).

As testemunhas da vida, morte e ressurreição de Jesus do primeiro século dizem que Ele era Deus. Ou Ele era ou não era.



SAIBA MAIS

Não deixe de pedir o nosso guia de estudo Bíblico “Jesus Cristo – a verdadeira História” do nosso site.

www.revistaboanova.org

Por que Jesus teve de existir como ser humano?

Isso nos leva a uma pergunta extremamente importante: *Por que Jesus teve de viver como ser humano?* Por que Aquele identificado nas Escrituras como o Verbo, que estava com Deus e que era Deus (João 1:1), teve que se tornar o Jesus de Nazaré de carne e osso?

A resposta a esta pergunta é pouco compreendida, mas abre nossa mente para outra dimensão da compreensão da natureza íntima de Deus e de Seu propósito para a criação da vida humana na Terra.

Vamos começar com o que sabemos sobre o Verbo. O ponto de partida é o evangelho do apóstolo João. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (João 1:1-5, grifo nosso).

Esta passagem nos diz que antes de Jesus vir em carne, Ele estava com Deus desde o princípio e era Deus. Aqui ele chama de “o Verbo”, o Ser que se tornou Jesus Cristo e era a própria essência de Deus, significando que Ele era o espírito divino. Ele era eterno e coexistia como Deus na eternidade.

Devemos entender “eternidade” como uma dimensão diferente da existência, além do mundo material, do tempo e do espaço em que habitamos. Deus habita na dimensão espiritual da eternidade: “Porque assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito...” (Isaías 57:15). A eternidade é um desafio para nossas mentes mortais compreenderem, no entanto, é onde Deus existe.

Deus revela que Ele não tem começo nem fim. Ele é espírito. Ele existe além do cosmos, que Ele mesmo criou. A essência de Deus é espiritual—um espírito *santo* e eterno.

João revela que Aquele que está sendo chamado de “Verbo” criou este mundo. Paulo confirma isso quando escreve: “Porque nEle foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as

invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele” (Colossenses 1:16). Aquele que se tornou Jesus de Nazaré é revelado como o *Ser através de quem Deus criou o universo*. Essa compreensão fundamental nos ajuda a entender a magnitude de Sua decisão de vir em carne e viver entre os homens.

O que mais precisamos entender sobre Jesus ter vindo em carne?

Da posição de Deus à posição de um servo

O amor de Deus por Sua criação não apenas deteve o movimento do sol, da lua, das estrelas e dos planetas em seu elegante balé cósmico. Ele nunca foi um Criador ausente.

O plano desde antes da fundação do mundo, era que um sacrifício seria necessário. Primeiro seria um sacrifício de *posição*—da existência como Deus a Sua vinda para a Terra, passando a ser semelhante à criação humana, como homem. É difícil, se não impossível, começar a entender o amor nessa decisão de *autossacrifício*.

O Verbo esvaziou-se de seu poder e glória divina, mas manteve a identidade divina, e veio como um servo para realizar uma tarefa essencial para a salvação humana.

Observe o que revela Paulo em Filipenses 2:6-8: “A atitude de vocês deve ser semelhante àquela que nos foi mostrada por Jesus Cristo, que embora Deus, não exigiu nem tampouco se apeçou a seus direitos como Deus [compartilhava a natureza divina], mas pôs de lado seu imenso poder e sua glória, ocultando-se sob a forma de escravo e tornando-se como os homens. E se humilhou ainda mais, chegando ao ponto de sofrer uma verdadeira morte de criminoso numa cruz” (Bíblia Viva).

Isso nos ajuda a entender por que, em Sua última noite com os discípulos antes de ser morto, Ele orou: “Agora, pois, glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que Eu tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5).

Um sacrifício supremo por nós

O próximo passo de Seu sacrifício era “como de um cordeiro... conhecido ainda antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:19-20).

A raça humana tem percorrido um longo caminho, afastada de Deus por causa da decisão dos primeiros seres humanos, Adão e Eva pecaram ao tomar parte da árvore proibida no Jardim do Éden e rejeitar o acesso ao conhecimento e à sabedoria de Deus, oferecido através da árvore da vida (ver Gênesis 2:9). Isso trouxe a necessidade de um sacrifício para redimir a humanidade do pecado. Um plano elaborado para derramar o sangue do primeiro e único sacrifício que poderia remover a penalidade do pecado, que, enfim, leva à morte.

A Palavra de Deus tem muito a dizer sobre a morte e o derramamento do sangue de Cristo para o perdão dos pecados e redenção da humanidade. Tudo isso é parte crítica e essencial do propósito de Deus. Ele pretende “convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Efésios 1:10).

A morte de Cristo, por derramamento de Seu sangue, é o único sacrifício pelos pecados de todos os tempos: “Mas Cristo veio como o Grande Sacerdote das coisas boas que já estão aqui...ele não levou consigo sangue de bodes ou de bezerras para oferecer como sacrifício. Pelo contrário, ele ofereceu o seu próprio sangue e conseguiu para nós a salvação eterna. Por meio do Espírito



A Palavra de Deus tem muito a dizer sobre a morte e o derramamento do sangue de Cristo para o perdão dos pecados e redenção da humanidade. E tudo isso é parte determinante e essencial do propósito de Deus.

eterno ele se ofereceu a si mesmo a Deus como sacrifício sem defeito. E o seu sangue nos purifica por dentro, tirando as nossas culpas; assim podemos servir ao Deus vivo”.

“Portanto, é Cristo quem consegue fazer uma nova aliança, para que os que foram chamados por Deus possam receber as bênçãos eternas que o próprio Deus prometeu. Isso pode ser feito porque houve uma morte que livrou as pessoas dos pecados que praticaram enquanto a primeira aliança estava em vigor” (Hebreus 9:11-15, BLH).

Jesus Cristo, “havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus... Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados” (Hebreus 10:12, 14). Seu sacrifício, Seu sangue, é o meio pelo qual a humanidade pode se reconciliar com Deus em uma eterna aliança que oferece e garante a salvação, a vida eterna e o compartilhamento da existência divina na eternidade.

Um Deus de amor

O caráter essencial de Deus é amor (1 João 4:8, 16). De todos os apóstolos de Cristo, João era o que parecia captar esse detalhe crucial dEle, e ele abandonou tudo para segui-Lo. Na famosa passagem de João 3:16, ele escreveu: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

João também cita Jesus noutra declaração abrangente, dizendo: “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que Eu lhes disse são espírito e vida” (João 6:63, NVI). A vida que esperamos é a vida espiritual eterna com Deus, que é Espírito (João 4:24).

Portanto, foi esse grande amor, declarado em a toda a Escritura, que levou Deus Pai e o Verbo, que se tornaria Jesus, a decidirem compartilhar Sua essência com os outros seres criados, além do reino angelical—com os seres humanos. Criados à imagem de Deus e dotados de uma mente e de uma natureza que poderia receber o Seu Espírito, estes teriam o potencial para herdar a vida espiritual eterna.

(Note que a vida espiritual não significa existir como uma energia amorfa, como alguns poderiam imaginar. Aqueles que estiverem no reino espiritual terão forma, substância e corpos espirituais).

Os seres humanos foram criados à imagem de Deus, mas não como Ele é composto, mas possuem a mesma essência espiritual. O homem é físico, criado a partir dos elementos da terra (embora com um espírito humano que lhe dá intelecto, emoção e personalidade como parte de sua composição). E, como temos livre arbítrio, podemos pecar, e, de fato, pecamos, mas como vimos, Deus providenciou um meio para reconciliar os seres humanos. Consgo mesmo através do sacrifício de Jesus Cristo.

Antes da fundação deste mundo, o Verbo e Aquele que viria a ser o Pai idealizaram o plano de redenção para a humanidade. Como afirma aqui: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto no fim dos tempos por amor de vós” (1 Pedro 1:18-20).

O plano exigiria que o Verbo se tornasse carne, mostrando assim que o espírito eterno poderia se unir a um ser humano. O Verbo, o Ser espiritual eterno que era Deus juntamente com o Pai, foi enviado para se tornar Jesus de Nazaré—Deus na carne. Ele se fez carne e, em seguida, através de Sua ressurreição retornou ao estado espiritual para que os seres humanos, criados à imagem de Deus, tivessem o caminho aberto para se tornarem seres espirituais no Reino de Deus.

Por isso é extremamente importante saber que Jesus realmente existiu e por que Ele veio. A existência histórica de Jesus Cristo aqui na Terra no primeiro século é fundamental para que essa importante faceta do plano de Deus se torne realidade.

Sem a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo não teríamos a esperança da vida eterna com Deus. A Bíblia nos revela não apenas a existência de um Deus, mas também o Seu propósito de criar a vida humana. O grande sentido da vida é que os seres humanos, criados à imagem de Deus, podem tornar-se membros glorificados, espirituais e divinos na família imortal de Deus e em Seu Reino.

O que você precisa fazer?

A ressurreição de Jesus Cristo e Sua volta à existência espiritual faz dEle o primeiro no plano de Deus para a salvação humana (ver Romanos 8:29; 1 Coríntios 15:20, 23; Colossenses 1:18). Aqueles que morreram seguindo a Cristo e os que ainda estiverem vivos na Sua vinda serão transformados de mortais para imortais em um tempo glorioso (1 Coríntios 15:50-54). Transformados para compartilhar a existência espiritual com Cristo e com o Pai, e ainda vão herdar o Reino de Deus.

Esta é a esperança da vida eterna revelada nas Escrituras.

Jesus Cristo existiu na carne, como o Filho de Deus. Ele existe hoje como nosso Sumo Sacerdote e está prestes a vir tornar-se Rei. Jesus Cristo está vivo e também Ele é o único meio para nossa reconciliação e salvação.

Conhecer esse fato verdadeiro e convincente sobre Jesus Cristo é vital para se receber a vida eterna no Reino de Deus. As palavras do apóstolo Pedro, em Atos 2:38, soam claramente hoje em dia: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo!” **BN**

A Curiosa História do Natal

A maioria das pessoas sabe que a Bíblia não ensina a celebrar o Natal. Mas será que isso importa já que o intuito é honrar a Deus e unir as famílias?

por Jerold Aust

Nesta época do ano é bastante comum ver programas e filmes sobre o Natal. Um anúncio na TV sobre o programa “Christmas Unwrapped: The History of Christmas” (O Natal Desdobrado: A História do Natal, em tradução livre), dizia o seguinte:

“Pessoas de todo o mundo celebram o nascimento de Cristo em 25 de dezembro. Mas por que a natividade do Salvador é marcada pela troca de presentes. Será que Ele realmente nasceu nesse dia? E de onde vem a árvore de Natal?”

“Vamos fazer uma viagem fascinante através da história desse feriado religioso mais favorito do mundo para aprender as origens de algumas das tradições mais duradouras do mundo ocidental. Descubra como o Natal se originou de festas pagãs, como a Saturnália romana, que celebrava o solstício de inverno”.

Esse programa aborda o fato de que o Papai Noel não existe e que o Natal e seus enfeites advêm das festas pagãs romanas, como corroboram muitas outras fontes.

Haveria mais coisas nessas antigas tradições e costumes além das que sabemos? E, o mais importante, será que faz alguma diferença se continuarmos a observá-las?

A celebração ao deus sol

Pode parecer estranho que qualquer celebração religiosa com o nome de Cristo possa ser anterior ao cristianismo. Contudo, esse feriado religioso que conhecemos como Natal data de muito antes de Jesus Cristo. Elementos dessa celebração podem ser atribuídos ao antigo Egito, à Babilônia e à Roma. Esse fato certamente questiona o ponto de vista daqueles que, ao longo dos milênios, insistiram em perpetuar sua observância em todo o mundo cristão.

Os membros da Igreja primitiva ficariam surpresos por esses costumes e práticas, associados ao Natal, terem sido incorporado à celebração do nascimento de Cristo. Entretanto, somente depois de vários séculos é que o nome de Cristo foi vinculado a esse popular feriado romano.

Como explica Alexander Hislop em seu livro *As Duas Babilônias*: “Os escritores mais instruídos e mais sinceros admitem que o dia do nascimento do nosso Senhor não pode ser determinado, e que dentro da Igreja cristã existem festivais, como o Natal, que nunca se ouviu falar até o terceiro século, e que somente no fim do século IV é que isso começa a ser muito observado” (1959, pp. 49-50).

A respeito do dia 25 de dezembro ter sido associado ao nascimento de Cristo, praticamente qualquer livro sobre a história do Natal explicará que esse dia era celebrado no Império Romano como o aniversário do deus sol. Por exemplo, o livro *4000 Years of Christmas* (Quatro Mil Anos de Natal, em tradução livre) diz o seguinte: “Esse dia era sagrado não só para os romanos pagãos, mas também para a religião da Pérsia, pois, naquele tempo, ela era uma

das mais fortes concorrentes do cristianismo. Essa religião persa era o mitraísmo, cujos seguidores adoravam o sol e comemoravam seu retorno com toda potência nesse dia” (4000 Years of Christmas, edição 1997, p. 37).

O dia 25 de dezembro não era apenas celebrado como o dia do aniversário do sol, mas também como um antigo festival nas nações pagãs, que comemoravam a maior duração de luz solar no dia após o solstício de inverno, o dia mais curto do ano. O precursor do Natal foi de fato um festival de inverno idólatra caracterizado por abusos e libertinagem que, por muitos séculos, antecedeu o cristianismo.

A inclusão de práticas pré-cristãs

Esse antigo festival recebeu diferentes nomes em várias culturas. Em Roma, era chamado de Saturnália, em homenagem a Saturno, o deus romano da agricultura. E sua observância foi adotada pelos primeiros líderes da igreja romana e recebeu o nome de Cristo (“missa de Cristo” ou Natal) para permitir que os pagãos convertidos ao cristianismo continuassem com suas antigas práticas, o que ajudava a aumentar o número de adeptos nominais do cristianismo.

A ideia do clero católico do terceiro século era enfrentar o paganismo com um meio-termo—uma prática “clareada” segundo o amargo lamento do teólogo cartaginês Tertuliano.

Em 230 d.C., ele escreveu sobre a incoerência dos cristãos profanos ao contrastar a fé deles com a fervorosa lealdade dos pagãos às suas próprias crenças: “Para nós que somos estranhos aos sábados, às luas novas e às festas outrora aceitáveis a Deus [referindo-se às festas bíblicas descritas em Levítico 23, que eles não reconheciam], agora frequentamos a Saturnália, as festas de janeiro, a Brumália e Matronália; os presentes são levados e trocados entre as pessoas, os presentes do dia de ano novo são feitos com estardalhaço...*Oh, como são bem fiéis os pagãos à sua religião, que tomam muito cuidado para não adotarem nenhuma solenidade dos cristãos*” (Hislop, p. 93, grifo nosso).

Como não estava conseguindo fazer muito progresso na conversão dos pagãos, os líderes religiosos da Igreja Romana começaram a se comprometer, disfarçando os costumes pagãos em ritos aparentemente cristãos. Porém, em vez de convertê-los às crenças da igreja, eles converteram grande parte dos costumes pagãos em suas próprias práticas religiosas.

Embora, a princípio, a Igreja Católica tenha censurado tal celebração, “esse festival estava muito arraigado na mente do povo para ser abolido, e a Igreja finalmente lhe concedeu o reconhecimento necessário, acreditando que se o Natal não poderia ser extinto, ele deveria ser celebrado em honra ao Deus cristão. Assim que obteve um fundamento cristão, esse festival foi



Esses símbolos, tradições e figuras, como o Papai Noel, não têm nenhum apoio no ensinamento bíblico. Então, de onde isso veio?

estabelecido plenamente na Europa, com muitos dos seus elementos pagãos inalterados” (*Enciclopédia do Sobrenatural*, Richard Cavendish, p. 480, “Natal”).

Celebrações que ignoram as Escrituras

Alguns resistiram a esse comprometimento espiritualmente venenoso. “Homens justos se esforçaram para conter essa maré, mas, apesar de todo o esforço, a apostasia seguiu adiante, até que a Igreja, com exceção de um pequeno grupo remanescente, se submergiu na superstição pagã. Não resta nenhuma dúvida de que o Natal era originalmente um festival pagão. A época do ano e as cerimônias com as quais ele ainda é comemorado provam sua origem” (Hislop, p. 93). Tertuliano não estava sozinho em sua discordância dessas tendências. “Ainda em 245 d.C., Orígenes, em sua oitava homilia sobre Levítico, repudia e classifica como pecaminosa a própria ideia de comemorar o aniversário de Cristo como se Ele fosse um faraó” (*Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, vol. 6, p. 293, “Natal”).

O Natal não se tornou um feriado romano até 534 d.C. (*ibid.*). E foram necessários trezentos anos para que o novo nome e os símbolos do Natal substituíssem os antigos nomes e significados desse festival de inverno, uma celebração pagã que remontava a muitos séculos.

Não existe Papai Noel na Bíblia

Como a figura mítica do Papai Noel entrou em cena? Existem muitos livros que esclarecem as origens desse personagem popular.

O Papai Noel é uma das figuras lendárias mais emblemáticas do Natal. A sua origem está intimamente relacionada com a figura de São Nicolau de Mira, um bispo nascido na Turquia em 280 d.C. que ajudava as pessoas carentes. São Nicolau deixava moedas perto das chaminés dos menos favorecidos durante a noite. São Nicolau foi beatificado pela Igreja Católica por conta dos milagres que realizou. O Dia de São Nicolau é comemorado em 6 de dezembro, data de sua morte. Em virtude disso, muitas pessoas costumam montar as árvores de Natal nessa data. São Nicolau é o santo padroeiro da Rússia, da Grécia e da Noruega. Além disso, é considerado o padroeiro dos estudantes.

Em todo caso, podemos nos perguntar como um bispo da ensolarada costa mediterrânea da Turquia passou a ser associado a um homem de casaco vermelho que vive no polo norte e usa um trenó puxado por renas voadoras.

Após conhecer a antiga origem pré-cristã do Natal, não é nenhuma surpresa saber que o Papai Noel também não passa de uma figura reciclada de antigas crenças pagãs.

Os ornamentos associados a ele—vestuário, trenó e renas—revelam sua conexão com os climas frios do extremo norte. Algumas fontes o ligam aos antigos deuses do norte da Europa, Odin e Thor (*4000 Years of Christmas*, pp. 56-64). Outros o remontam ainda mais no tempo, até ao deus romano Saturno e ao deus grego Sileno (*The Story of Santa Klaus [A História do Papai Noel, em tradução livre]*, William Walsh, pp. 70-71).

Jesus nasceu em dezembro?

A maioria dos estudiosos da Bíblia que tem escrito sobre o tema do nascimento de Jesus concluíram, baseando-se em evidências bíblicas, que é impossível Cristo ter nascido em qualquer data próxima a 25 de dezembro.

Mais uma vez voltamos ao livro de Alexander Hislop: “Não há uma palavra nas Escrituras sobre o dia exato do nascimento [de Jesus], ou sobre o ano em que Ele nasceu. O que está registrado lá implica que a período de Seu nascimento não poderia ter sido no dia 25 de dezembro. No tempo em que o anjo anunciou o Seu nascimento aos pastores de Belém, eles estavam alimentando seus rebanhos durante a noite no campo...O clima da Palestina...de dezembro a fevereiro, é muito frio, e não era costume dos pastores da Judéia ficarem com seus rebanhos no campo aberto muito além do fim de outubro” (Hislop, p. 91, grifo nosso).

Ele passa a explicar que as chuvas de outono, que começavam em setembro ou outubro, na Judeia significaria que os eventos que cercam o nascimento de Cristo, registrados nas Escrituras, poderiam ter ocorrido no mais tardar em meados de outubro, assim o nascimento de Jesus provavelmente tenha ocorrido no início do outono (Hislop, p. 92).

Outra evidência que apoia o nascimento de Jesus no outono é que os romanos eram inteligentes o bastante para não escolherem o auge do inverno para arrecadarem impostos e fazerem viagens. A família de José era de Belém, então ele teve que viajar com sua esposa Maria, que estava grávida, de Nazaré, na Galileia, até Belém, e essa viagem seria praticamente impossível de se fazer no inverno.

Que diferença isso faz?

Não existe absolutamente nada na Bíblia que apoie os mitos e as fábulas do Natal e o Papai Noel. Isso está ligado aos caminhos deste mundo e é totalmente contrário aos caminhos de Cristo e de Sua santa verdade. Deus nos diz: “Não aprendam as práticas das nações” (Jeremias 10:2, NVI).

Os cristãos professos deveriam examinar a procedência dos símbolos do Natal e parar de dizer a seus filhos que o Papai Noel e seus duendes, renas e os presentes natalinos têm algo a ver com Jesus Cristo. Pois isso, sem dúvida, não tem nada a ver com Ele! E Deus odeia a mentira (Provérbios 6:16-19; 12:22).

Cristo revela que Satanás, o diabo, é o pai da mentira (João 8:44). Os pais devem dizer aos filhos a verdade sobre Deus e as práticas religiosas ilógicas e confusas deste mundo. E se não fizermos isso,

► (continua na página 20)

O Natal Realmente Honra ao Rei Jesus?

A maioria das pessoas acredita que o Natal se originou como uma celebração do nascimento de Jesus Cristo. Porém, a história mostra que ele é muito mais antigo e tem suas raízes nas remotas práticas idólatras que honravam outros deuses. Então, esse feriado religioso realmente honra a Jesus e a Deus Pai? Como Deus vê a observância do Natal?

por Tom Robinson

A medida que nos aproximamos no fim do ano, os jardins da frente de algumas casas começam a ser enfeitados e as vitrines das lojas decoradas e muitos corais já estão ensaiando as canções natalinas.

Será mesmo que o Natal honra o nascimento de Jesus?

Enquanto as pessoas estão num frenesi de compras, muitos pregadores discursam sobre Cristo ser o cerne do Natal. Mas Jesus Cristo já foi realmente a essência do Natal? A revista eletrônica *U.S. News & World Report* explica que o registro histórico mostra que “os primeiros cristãos simplesmente não estavam interessados em celebrar essa natividade...Eles ‘consideravam as celebrações de aniversário como pagãs’. Orígenes, pai da igreja [católica] do terceiro século, havia declarado que era pecado até mesmo pensar em comemorar o aniversário de Cristo ‘como se ele fosse um rei faraó’” (23 de dezembro de 1996, p. 58).

Na verdade, Jesus Cristo não nasceu *nem perto* do dia 25 de dezembro (para saber mais, ver nosso guia de estudo bíblico oferecido no fim do artigo). O artigo dessa revista eletrônica continua: “Como a igreja [mais tarde] chegou nessa data de 25 de dezembro...é uma questão de conjectura. *A mais difundida é a visão de que esse feriado foi uma ‘cristianização’ intencional da Saturnália e de outros festivais pagãos...nos séculos III e IV...que marca o solstício de inverno, quando os dias começavam a se alongar...25 de dezembro—o solstício no calendário juliano—[era o] natalis solis invicti* (“nascimento do sol invicto”), um festival em homenagem a Mitra, o deus sol” (p. 59, grifo nosso).

Muitas fontes respeitadas atestam a origem idólatra do Natal e seus costumes. Por exemplo: “Acredita-se que a árvore de Natal tenha sua origem no uso cerimonial da palmeira na adoração da deusa egípcia Ísis...no solstício de inverno...em climas [frios] do Norte...na celebração de 25 de dezembro ela foi substituída pelo pinheiro” (*The Lincoln Library of Essential Information* [A Biblioteca de Informações Essenciais Lincoln, em tradução livre], Clyde Parke, 1959, p. 2070).

A maioria das pessoas não se importa muito com isso. Mas, à luz dos fatos, devemos ao menos nos perguntar: O Natal realmente honra ao Rei Jesus?

O “Natal” antes de Cristo

Hoje em dia, o Natal geralmente é uma ocasião alegre de reunião de família, mas precisamos entender sua origem. Uma parte significativa dele veio da Saturnália romana, um festival hedonista da colheita dedicado ao deus Saturno em que havia troca de presentes. Saturno era adorado em todo o Mediterrâneo sob diferentes nomes e, muitas vezes, com celebrações imorais e horríveis atrocidades. Os fenícios sacrificavam seus filhos a esse deus, identificado na Bíblia como Moloque e o deus sol Baal, cujo nascimento, mais tarde, disseram que ocorreu em 25 de dezembro.

Embora ninguém celebre o Natal dessa maneira hoje, essas são as raízes desse feriado religioso. Tragicamente, até mesmo os antigos israelitas foram influenciados por essas práticas hediondas.

O período do solstício de inverno era visto como o nascimento do deus sol porque marcava o período em que os dias começavam a se alongar. E isso era motivo de grande celebração, pois apontava para a esperança do retorno à vida na primavera. Muitos ritos idólatras devassos surgiram em torno dessa festividade.

Os pinheiros, que permaneciam verdes o ano todo, geralmente eram decorados e incorporados a essas celebrações. Os antigos israelitas adotaram essa prática apesar da severa advertência de Deus contra o costume gentio de cortar árvores para decorá-las (Jeremias 10:2-4). Alguns veem isso como uma descrição de ídolos de madeira esculpidos, mas precisamos entender que as árvores decoradas *também eram ídolos*, algo que Deus proibiu em Seu altar (Deuteronômio 16:21).

Infelizmente, os israelitas caíram e se envolveram cada vez mais nessa terrível idolatria. Além dessa decoração, os israelitas se engajaram assustadoramente nos depravados rituais sexuais ligados aos festivais de Baal/Moloque, inclusive no sacrifício de seus próprios filhos (Jeremias 32:35).

Essas são as origens antigas do feriado religioso que mais tarde viria a ser conhecido como Natal—idolatria depravada, árvores decoradas, troca de presentes em homenagem ao nascimento de deuses pagãos, licenciosidade sexual e até sacrifício humano. Então, não é de admirar que Deus odiasse tais práticas!

E no caso dos israelitas, eles realmente pensavam que estavam

honrando e agradando a Deus. A adoração deles era sincrética—o que significa que eles *alegavam adorar a Deus, mas misturavam práticas idólatras pagãs com essa adoração*. Entretanto, Deus proíbe, de forma clara e absoluta, qualquer prática advinda da adoração pagã (ver Deuteronômio 12:28-32; 28:9-14; 20:16-18).

Se não pode vencê-los...

Então, há alguma razão para associar o nome de Cristo a esse suposto aniversário de deuses antigos e ainda continuar praticando esses costumes pagãos?

Uma publicação no livro *Strange Stories, Amazing Facts* (Histórias Estranhas e Fatos Surpreendentes, em tradução livre) diz o seguinte: “Os primeiros missionários enfrentaram uma tarefa árdua. Os pagãos estavam relutantes em desistir de seus falsos deuses e práticas antigas. Assim, os missionários, incapazes de convertê-los facilmente a um código de adoração inteiramente novo, mudaram sua estratégia. *Eles aceitaram esses festivais pagãos como eram e, gradualmente, introduziram as observâncias da nova fé nesses rituais e costumes deles*” (*Strange Stories, Amazing Facts*, 1976, p. 283).

Atualmente, muitos acham que isso era aceitável para Deus, acreditando que não há problema em considerar as práticas idólatras como cristãs. Alguns até argumentam que se Deus pode converter uma *pessoa* pagã ao cristianismo, Ele também pode transformar *feriados pagãos* em dias santos cristãos. Mas esse raciocínio é falho.

O fato é que a Igreja primitiva de Jesus e dos apóstolos *não* observavam o Natal. Em vez disso, os cristãos fiéis continuaram celebrando as festas bíblicas (listadas em Levítico 23) não apenas porque Deus ordenou que assim o fizessem, mas também porque entenderam que elas retratam o papel de Jesus Cristo como Rei e Salvador de toda a humanidade no plano de salvação de Deus (para saber mais, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito *As Festas Santas de Deus*).

Em contrapartida, o Natal *obscurece* essa visão ao retratar consistentemente Jesus Cristo como uma criancinha indefesa “em uma manjedoura”, em vez do Ser divino todo-poderoso e glorificado que Ele é agora—brilhando em infinita majestade à destra do Pai!

Você consegue imaginar os primeiros apóstolos adotando costumes religiosos pagãos à adoração que aprenderam com o próprio Jesus Cristo? Especialmente à luz do que o apóstolo Paulo disse aos coríntios sobre não misturar costumes gentios idólatras e demoníacos com a verdadeira fé? (Ver 1 Coríntios 10:14-16, 19-22.)

Lembre-se de que Orígenes, o pai da igreja católica primitiva, declarou ser pecado celebrar o aniversário de Cristo. Também há argumentações semelhantes de outros pais da Igreja Católica. E mesmo depois que o dia 25 de dezembro foi declarado como o dia do aniversário de Cristo (no quarto século!), “o uso de pinheiros estava tão intimamente associado às guirlandas dos dias pagãos que em muitas das primeiras celebrações da igreja [católica] elas eram proibidas...Mas, *foi somente no século XVI* que todas as casas cristãs começaram a ser enfeitadas” (*1001 Christmas Facts and Fancies* [1001 Fatos e Fábulas Sobre o Natal, em tradução livre], Alfred Hottes, 1944).

E mais tarde ainda, “os puritanos da Inglaterra protestaram contra a permanência desse feriado e conseguiram bani-lo por um tempo. Os puritanos...*estavam corretos* quando afirmavam—e faziam isso

com frequência—que *o Natal não era nada mais do que um festival pagão envernizado como algo cristão*” (*U.S. News & World Report*, p. 60).

A adoração a Deus hoje em dia

Talvez alguns leitores estejam pensando que é irrelevante o fato de o Natal ter vindo do paganismo, pois creem que *não estão* adorando nenhum deus pagão com esses costumes porque estão celebrando um tempo maravilhoso em família e honrando a Jesus Cristo. Vamos analisar essa atitude à luz de algumas inequívocas declarações bíblicas e do senso comum.

Jesus Cristo era Aquele que os israelitas conheciam como Deus no Antigo Testamento (comparar Deuteronômio 32:4; 1 Coríntios 10:4; João 1:1-3, 14; Colossenses 1:16; Hebreus 1:1-2. Ler também nosso guia de estudo bíblico gratuito *Quem é Deus?*). Ele era *casado* com a antiga Israel por meio de uma aliança (Jeremias 3:14; 31:32). Porém, como vimos, Israel foi infiel ao seu Marido e “se prostituiu” (ver Ezequiel 23:16), tendo inúmeros “casos” com outros deuses! E lembre-se que os israelitas rebeldes até celebraram o solstício de inverno como o *nascimento do sol invicto*—donde surgiu o Natal.

Alguns dirão que aquela ordem em Deuteronômio 12:28-32 para não adorar a Deus com costumes pagãos diz respeito somente a prática abominável de sacrificar crianças e não a tradições mais brandas como enfeites de árvores e feriados pagãos. Mas isso simplesmente não é verdade. Por exemplo, Deus não disse apenas ao Seu povo para não enfeitar árvores, mas também para se livrarem de *todos* os locais de culto pagão, altares, colunas sagradas, imagens, etc. (versículos 2-3). “*Vocês, porém, não adorarão ao SENHOR, o Seu Deus, como eles*” (Deuteronômio 12:4, NVI).

Por que Deus não queria ser adorado dessa maneira? Porque Ele *sabe* o que representam todos esses costumes. Ele odeia ser *lembrado* por isso e menos ainda ser *associado* a essas práticas.

Mas, vejamos isso de outra forma. Pondere mais uma vez sobre o casamento entre Cristo e Israel na antiga aliança. Ele “a repudiou” ou se divorciou dela e, mais tarde, morreu crucificado. Agora ressuscitado, Jesus está no processo de firmar uma *nova* aliança com Israel (Jeremias 31:31), da qual a Igreja do Novo Testamento é precursora, a “Israel de Deus” (Gálatas 6:16). Essa Israel *espiritual* está sendo purificada das religiões falsas e do pecado para se casar mais uma vez com Jesus Cristo (ver Efésios 5:22-32; Apocalipse 19:6-9). Porém, dessa vez, ela nunca mais se afastará de seu Marido!

Com tudo isso em mente, pense como Deus se sentiria caso Sua verdadeira Igreja celebrasse o Natal. Imagine um homem gentil e generoso casado com uma mulher que está tendo um caso com um homem devasso. Ela se submeteu a todo tipo de experiências sexuais lascivas com ele para comemorar seu aniversário. Depois de muitas tentativas fracassadas de mudar a conduta da esposa, finalmente o marido resolve se divorciar dela.

Anos depois, as feridas começaram a cicatrizar. Mas a esposa dele volta e parece estar realmente arrependida. Ela implora o perdão dele e pergunta se podem recomeçar a vida conjugal. O coração dele cede e a aceita de volta. Contudo, logo depois disso, a esposa lhe diz que quer comemorar o aniversário dele no dia que ela escolher e fazer uma festa toda decorada ao gosto dela. E ainda lhe diz que isso vai ser maravilhoso.

Sem dúvida, isso soa ridículo—e é mesmo. Entretanto, tudo isso se parece com a atitude de alguns líderes religiosos que

“cristianizaram” intencionalmente a celebração da Saturnália. Mas hoje, muitos cristãos professos *não conhecem* a verdadeira origem do Natal e seus costumes—pelo menos não em seus aspectos mais hediondos. Contudo, isso não pode ser usado para apoiar ou justificar a celebração do Natal. Pois, como mencionado anteriormente, Deus sabe de onde vieram esses costumes. E Ele se lembra de tudo isso!

Colocando as tradições acima da vontade de Deus

Contudo, a maioria das pessoas não entendem o que Deus diz claramente em Sua Palavra e acredita que Ele aprova isso. Para muitos, o importante é o que *eles* querem e não o que Deus declara explicitamente na Bíblia. E o que *eles* querem é continuar com suas *tradições*.

E Jesus também descreveu assim os líderes religiosos de Sua época: “*Em vão, porém, Me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens*” (Marcos 7:7-8). Hoje em dia, a maioria das pessoas não vê a necessidade de observar as festas ordenadas por Deus, listadas na Bíblia, e persiste em tradições enraizadas em antigas idolatrias. Se você participa disso, ainda há tempo de mudar!

Deus *honrará* uma atitude humilde de adoração—acompanhada da disposição de examinar e obedecer a Sua Palavra (Isaías 66:2).

► (“A Curiosa História do Natal” cont. da pg.17)

simplesmente vamos perpetuar a ideia de que é aceitável mentir para as crianças.

Deus ordena a Seu povo a não fazer como os líderes da igreja primitiva, que adotaram práticas idólatras e as rotularam de cristãs. Antes de os israelitas entrarem na Terra Prometida, Deus os advertiu severamente: “Guarda-te para que não te enlaces para as seguires [as nações daquela terra]...e que não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: De que modo serviam estas nações os seus deuses? Pois do mesmo modo também farei eu”.

“*Não farás assim para com o SENHOR Teu Deus; porque tudo o que é abominável ao SENHOR, e que Ele detesta, fizeram elas para com os seus deuses...Tudo o que Eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás*” (Deuteronômio 12:30-32, grifo nosso).

Muitos séculos depois, o apóstolo Paulo estabeleceu muitas congregações da igreja em várias cidades gentias. Paulo escreveu aos membros da Igreja de Deus em Corinto, uma cidade cheia de idolatria: “Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial [ou maldade personificada, referindo-se aqui a Satanás]? ou que parte tem o crente com o incrédulo? E que consenso tem o santuário de Deus com ídolos? Pois nós somos santuário de Deus vivo...”

“Pelo que, saí vós do meio deles e separai-vos, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e Eu vos receberei...Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus” (2 Coríntios 6:14-17; 7:1).

Portanto, não se iluda mais! Cristo não pode ser “colocado de volta” no Natal *porque Ele nunca fez parte dele!* Esse feriado religioso não honra a Jesus Cristo. Na verdade, Jesus o detesta porque está enraizado na repulsiva adoração de deuses pagãos. Será que você vai ignorar o que acabou de ler na história e na Bíblia e continuar celebrando o dia 25 de dezembro?

Ou, em vez disso, você se humilhará diante de seu Criador e respeitá-lo a vontade dEle, afastando definitivamente de si mesmo e de sua família todos os vestígios dessa festa pagã? Você vai amá-Lo e adorá-Lo da maneira que Ele deseja? Ele está esperando para ver o que você fará e se seguirá Suas instruções claras sobre como *realmente* dar glória ao Rei dos reis! **BN**



SAIBA MAIS

Gostaria de saber mais sobre as origens do Natal e outros feriados religiosos populares? Você provavelmente ficará surpreso com as origens deles, bem como o que diz a Bíblia sobre isso! Peça ou baixe um exemplar gratuito do guia de estudo bíblico *Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?*

E para conhecer os Dias Santos ordenados na Bíblia, não deixe de ler esse outro guia de estudo bíblico gratuito: *As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade*.

www.revistaboanova.org



Ao invés de permitir que os membros da Igreja renomeassem e celebrassem os costumes associados a falsos deuses como algo cristão, Paulo os instruiu claramente que *não podiam se envolver com essas práticas*. E ele disse algo semelhante aos atenienses, que estavam imersos na idolatria: “Mas Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, *manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam*” (Atos 17:30).

Apenas Deus tem o direito de decidir em quais dias devemos adorá-Lo. Jesus Cristo nos disse que “Deus é Espírito, e é necessário que os que O adoram O adorem em espírito e *em verdade*” (João 4:24). Então, não podemos honrar a Deus de verdade com falsas práticas adotadas na adoração de falsos deuses.

Jesus disse: “Este povo honra-Me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim; mas em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Marcos 7:6-7). Então, mesmo que os cristãos celebrem o Natal com boas intenções, isso não torna esse feriado religioso algo bom. Deus não apoia nem se agrada disso!

Você aprendeu como deve honrar ao Deus Todo-Poderoso e ao Seu Filho Jesus Cristo. Será que agora você vai honrar a Deus ou continuará seguindo as tradições errôneas da humanidade? **BN**



SAIBA MAIS

Muitas pessoas ficam chocadas ao descobrirem as origens dos feriados religiosos mais populares. E também que os dias de festa ordenados por Deus na Bíblia são ignorados praticamente por todos. Você precisa ler nosso guia de estudo bíblico gratuito *Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?*

www.revistaboanova.org

O fim do reinado de Elizabeth e o começo de uma nova era

Embora muitos soubessem que a morte da rainha Elizabeth II era iminente, ainda assim essa notícia chocou o mundo todo quando chegou em 8 de setembro de 2022—especialmente os ingleses e as nações do mundo que têm suas “raízes”, alianças e laços com a Inglaterra. O funeral dela, em 19 de setembro, foi o maior evento transmitido ao vivo de todos os tempos, com uma audiência de mais da metade da população mundial.

A rainha Elizabeth era uma figura mundial única. O mundo não verá novamente nesta era um líder com um reinado tão longo e, provavelmente, nem de tão grande caráter. Somente quando Jesus Cristo retornar para tomar Seu trono haverá um “monarca” tão firme e duradouro. O reinado dEle durará para sempre, e Ele governará com perfeita retidão e justiça.

Líderes de todo o mundo lamentaram a morte da rainha. Em um artigo publicado no dia em que ela morreu, intitulado “Uma Perda Devastadora”, a colunista britânica Melanie Phillips resumiu, comovente e eloquentemente, a magnitude do reinado e morte da rainha:

“Ela manteve o país unido pela maneira como se entregou ao cargo para se tornar a quintessência do dever e do serviço altruísta ao seu povo, um símbolo de unidade e verdadeira inclusão. Observamos a maneira como ela conduzia seu grande cargo—com calma, força, firmeza, bondade e humildade—e nos sentíamos aliviados e seguros de que, ao olharmos para seu exemplo, estávamos olhando para nós mesmos como uma nação espelhada nela. Ela nos amou com profunda devoção e nós também a amávamos”.

Então, é impossível não sentir que seu falecimento marca não apenas a perda de um servidor público único e uma grande alma, mas também a perda de um país que pertencia a uma era diferente—uma Inglaterra forte, resiliente, comedida e de pragmatismo fundamentado. Uma Inglaterra verdadeiramente tolerante e amável. Uma nação cuja morte também lamentamos profundamente”.

A rainha Elizabeth era aquele tipo de líder servidor que tinha o respeito de praticamente todos ao redor do mundo. Mas o que vai acontecer agora? O que o futuro reserva para a Inglaterra e o resto do mundo após esse evento monumental da história— a morte da monarca mais antiga da história britânica?

Antes de olhar para o futuro, vamos dar uma olhada no passado da Inglaterra, que é único e incomparável na história da humanidade. A Inglaterra é uma nação relativamente pequena, em termos de extensão territorial, em comparação com o tamanho dos estados norte-americanos de Oregon ou Alabama. Entretanto, ela é imensa em importância histórica.

Dessa pequena nação surgiu o maior império da história humana. No início do ano 1900, a Inglaterra controlava praticamente 25% da superfície da Terra, que tinha cerca de 450 milhões de indivíduos. (A população global naquela época era cerca de 1,6 bilhão de habitantes).

Nenhum império humano jamais foi perfeito ou agiu sempre certo. A natureza humana e a guerra trazem consigo atrocidades indescritíveis. Toda civilização e governo do homem tem um histórico de atrocidades. O caminho do ser humano e as guerras

não são de Deus, mas de Satanás (Tiago 4:1), e isso sempre trouxe dor e sofrimento para as pessoas.

Contudo, o Império Britânico foi diferente dos outros impérios. Ele era chamado de império “benevolente” por alguns historiadores porque havia uma diferença marcante entre o governo inglês e os outros governos. As colônias britânicas tendiam a melhorar a vida de seus súditos e torná-los mais prósperos. Os ingleses não saqueavam os recursos locais nem empobreciam as pessoas para mantê-las submissas. Eles não eram autocráticos como os impérios mundiais que os antecederam, que trilhavam estritamente o caminho dos gentios (Mateus 20:25).

Em contraste, a Inglaterra foi, num sentido físico, uma bênção para as nações. Os britânicos faziam obras para melhorar a vida do povo. Quando a Inglaterra “libertou” suas colônias e as devolveu aos governos locais, em quase todos os casos, estes pioraram a vida do povo. Podemos ver os exemplos das prósperas economias de algumas dessas nações africanas, chamadas de “joias” do continente—como Rodésia e África do Sul—que se deterioraram após se independerem do império britânico.

Como isso aconteceu e por que a Inglaterra era tão diferente de outros impérios? A Bíblia dá a resposta em uma notável profecia em Gênesis 48:15-20. Enquanto abençoava os filhos de José, Efraim e Manassés, Jacó disse: “Também ele [falando de Manassés] será um povo e também ele será grande; contudo, o seu irmão menor [Efraim] será maior que ele, e a sua semente será uma multidão de nações”.

Deus abençoou Abraão pela sua fé e total submissão a Ele, dizendo: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 12:2-3, grifo nosso).

A história mostra que nenhum outro império foi uma grande bênção para as nações como o Império Britânico, e que também não houve nenhuma nação na história mundial que tenha sido mais benevolente e generosa do que os Estados Unidos da América.

Por ocasião da morte da rainha, recomendamos a leitura de nosso guia de estudo bíblico gratuito intitulado *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica* para entender mais profundamente as bênçãos entregues por Deus através desses povos. Esse guia de estudo bíblico também analisa o significado do trono britânico.

Enquanto o reinado de Carlos III se inicia, alguns assuntos polêmicos dividem as pessoas. O próprio Charles tem sido um grande defensor da agenda “O Grande Reinício” do Fórum Econômico Mundial sobre governança supranacional.

Seja como for, a profecia revela que um tempo de dificuldades e angústias está por vir para os povos britânico e estadunidense e para o mundo inteiro, mas que, felizmente, será seguido do triunfante retorno de Jesus Cristo. Vamos refletir sobre o que está acontecendo e continuar nos aproximando de Deus e uns dos outros, pois essa é a vontade dEle.

Jesus é o Senhor do Sábado

O sábado semanal do sétimo dia nos direciona a Cristo e ao nosso futuro com Ele e o Pai. Reunir-se para adorá-Lo nesse período de tempo santo é parte vital da nossa vocação cristã.

por Robin Webber

Muitos estudantes da Bíblia analisam as revelações da frase “Eu sou” dita por Jesus Cristo sobre Si mesmo no Evangelho de João. Ele disse: “Eu sou o pão da vida”, “Eu sou a luz do mundo”, “Eu sou a porta”, “Eu sou o bom pastor”, “Eu sou a videira verdadeira”, “Eu sou a ressurreição e a vida”, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” e, ainda mais profundo, simplesmente “EU SOU” (João 6:35; 8:12, 58; 15:1; 10 :7, 11, 14; 11:25; 14:6).

Mas Ele entregou também importantes autorrevelações em terceira pessoa, como a seguinte no evangelho de Marcos: “Assim, o Filho do Homem até do sábado é senhor” (Marcos 2:28). A palavra grega para Senhor aqui é *kurios*, significando aquele que tem poder, autoridade e domínio em um assunto.

O assunto abordado é o sábado do sétimo dia, termo originário de um verbo hebraico que significa cessar ou abster-se. Deus deu uma ordem amorosa para se interromper os seis dias de trabalho e atividades pessoais e entrar em um período de tempo especial de 24 horas, do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado, que Ele criou para nosso bem-estar espiritual, mental, emocional e físico. (Êxodo 20:8-11; Marcos 2:27).

Contudo, a maioria dos seguidores professos de Jesus não observa o dia santo semanal que Ele observava e proclamava como de Sua propriedade. Você já percebeu que os quatro escritores dos evangelhos dedicam mais espaço ao que Cristo ensinou sobre o sábado do que a qualquer outro assunto em particular?

Em vez de abolir o mandamento do sábado ou mudar sua observância para outro dia da semana, como muitos pensam, Jesus mostrou como o Deus encarnado observa esse tempo santo—segundo a Sua própria declaração de que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do sábado” (Marcos 2:27). Naquele tempo, Ele estava ensinando a maneira correta de guardar o sábado. Os líderes religiosos acrescentaram regras não bíblicas ao sábado, tornando-o um fardo em vez da bênção amorosa pretendida por Deus.

Um discípulo da nova aliança precisa crescer na compreensão de que observar o sábado do sétimo dia está ligado a esta declaração de Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Quantas pessoas simplesmente perderam o rumo de sua vida cristã? O sábado do sétimo dia nos fornece uma bússola para apontar o que Deus fez no passado e o motivo disso, e também o que Ele está fazendo no presente e como isso está sendo feito, além do incrível futuro que Ele planejou para todos os seres humanos, criados à Sua imagem e semelhança.

Deus nos concede essa graciosa bússola do tempo para nos ancorar nas areias movediças desta sociedade e em nossas vidas pessoais, ajudando-nos a permanecer no curso enquanto atendemos o chamado de seguir a Cristo.

Lembrar-se e identificar-se com nosso Criador

O sábado do sétimo dia nos lembra de onde e de Quem viemos. Os Dez Mandamentos estão listados em Êxodo 20, e o quarto (nos versículos 8-11) declara: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu [nem outros sob sua autoridade]...Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há [incluindo os seres humanos feitos à Sua imagem (Gênesis 1:26-27)] e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou”.

Esse período da semana, divinamente estabelecido, nos leva de volta às nossas raízes, lembrando-nos que fomos criados para um propósito e não por um mero acidente evolutivo. Isso traz à tona a verdade de que não estamos sozinhos, que adoramos um Criador esplêndido e amoroso que não quer que vivamos uma vida ao acaso, mas com o propósito de honrá-Lo e glorificá-Lo e amar nossos semelhantes.

Alguns dizem que o sábado do Antigo Testamento é diferente do sábado de hoje. Mas quem é o grande “Eu Sou” (Êxodo 3:13-15) que entregou a Moisés e aos israelitas os Dez Mandamentos? A resposta está no evangelho de João, onde Jesus disse que Ele é o “Eu Sou” (João 8:58)—além de várias outras declarações em que Ele usou a frase “Eu Sou”.

Além disso, João iniciou seu evangelho nos levando de volta ao início da criação para nos mostrar os dois Seres divinos, Deus e o Verbo, que também era Deus—posteriormente conhecidos como Deus Pai e Jesus Cristo—e também para nos dizer que tudo foi feito através do Verbo que se tornou Cristo (João 1:1-3, 14). O apóstolo Paulo acrescenta que “tudo foi criado por Ele e para Ele” (Colossenses 1:16)—e isso inclui o sábado!

Jesus foi o Deus que nos deu o Sábado

Assim, Jesus é o Criador do sábado em nome do Pai—e foi Ele também que ordenou no Monte Sinai que Israel observasse esse dia. Paulo declarou o seguinte a respeito da confiança do povo em Deus como sua Rocha e Libertador: “Todos comeram do mesmo alimento espiritual e beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam da rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo” (1 Coríntios 10:3-4, NVI).

O Cristo pré-encarnado estava dando a um povo liberto mais do que simplesmente comida física e água. Ele estava dando a eles o sustento espiritual que os conectaria ao Deus Criador, que tem um propósito para todos os seres humanos.

E isso não diz respeito apenas aos antigos israelitas. Você já ponderou que quando Deus criou o sábado e o entregou a Adão e Eva, não existia nenhum israelita, judeu ou gentio? Existia



O apóstolo Paulo, falando de Jesus Cristo, acrescenta que “tudo foi criado por Ele e para Ele” (Colossenses 1:16) — e isso inclui o sábado!

apenas dois seres humanos feitos à Sua imagem, e Ele lhes deu um presente—uma parte de Si mesmo. Gênesis 2:3 nos diz: “E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou [separou-o como sagrado]; porque nele descansou [em hebraico *shabath*, que significa “cessar, descansar”] de toda a sua obra, que Deus criara e fizera”. Isso também é prospectivo, como veremos.

O erudito britânico da área do Novo Testamento, N.T. Wright, descreveu isso assim em seu livro *Simply Jesus*: “O sábado era o dia em que os tempos humano e divino se encontravam, quando os sucessivos dias de afazeres e tristezas eram interrompidos, e o adorador entrava em um tipo diferente de tempo, celebrando o sábado original e antecipando o sábado definitivo”.

“Esse era o tempo ideal para celebrar, adorar, orar e estudar a lei de Deus. O sábado era o tempo em que alguém podia sentir o movimento gradual da história, dos primeiros fundamentos ao seu fim definitivo. Se o Templo era o *espaço* onde as esferas humana e divina se interligavam, o sábado representava o *tempo* em que os tempos de Deus e do ser humano coincidiam. O sábado era para o *tempo* o que o Templo era para o *espaço*” (Editora Thomas Nelson Brasil, 1ª edição 2020, p. 164, grifo nosso).

Aqueles que entendessem que um Deus santo deu a um povo santo um dia santo para um propósito santo, entenderiam que o sábado do sétimo dia era um símbolo identificador de um relacionamento entre o Deus da criação e um povo chamado e liberto. Eles abraçariam o poder e a maravilha de Êxodo 31:13, onde Deus disse a Moisés: “Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis Meus Sábados, porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o SENHOR, que vos santifica”.

Apenas Deus pode tornar algo sagrado, mas—como preceitua o Quarto Mandamento—devemos nos “lembrar do dia de sábado,

para santificá-lo”, enquanto buscamos a experiência da presença de Deus dentro desse templo no tempo.

A definição da vida atual de um cristão

O sábado do sétimo dia não apenas nos lembra da criação e da estruturação divina da criação física de Deus, como também nos reorienta sobre o que Ele está fazendo aqui e agora com uma impressionante criação *espiritual*, que ainda está para se concretizar. Em última análise, o Quarto Mandamento diz respeito a criações *plurais*—ainda em movimento rumo a um futuro em comum.

Deuteronômio 5:12-15 é instrutivo a esse respeito. Nessa passagem, que reitera os Dez Mandamentos, o mandamento do sábado não está vinculado apenas à criação original, mas também a um Deus libertador, que além de trazer o cosmos à existência, ainda continua intervindo na história humana, agora para libertar um povo escravizado, concedendo-lhe liberdade e tornando-o um novo e santo povo para Ele (ver Levítico 11:44).

E Ele relembra o seguinte à antiga Israel e aos que estão dentro do Corpo de Cristo, que é a atual “Israel de Deus” (Gálatas 6:16): “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, Teu Deus, te tirou dali...” (Deuteronômio 5:15). A observância desse mandamento é um lembrete semanal do tempo de transição de uma “morte em vida” para uma vida plena diante de um Criador interventor, que não é apenas uma “Causa Primária”, mas o perene Sustentador do propósito divino para a humanidade.

Os seguidores de Cristo foram libertos de seu passado, as Escrituras descrevem uma pessoa convertida como uma “nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Coríntios 5:17, ARA). Paulo fala sobre isso mais adiante em Romanos 6:17-18: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça”.

Jesus, o Senhor do sábado, agora é nosso Mestre, e já estamos livres da penalidade do pecado e da predominância da influência de Satanás, assim podemos amar a Deus e aqueles criados à Sua imagem. Também estamos livres para utilizar as ferramentas espirituais entregues por Deus através de Seu Espírito—um novo coração e uma nova mente (Hebreus 8:8)—para nos manter libertos da influência de nossa natureza humana e dos encantos desta sociedade humana.

Todo sétimo dia, uma vez por semana, podemos descansar de nossos labores físicos e da pressão da sociedade para observar um tempo em que somos nutridos pela Palavra de Deus e comparecemos diante dEle em adoração, louvor e cântico, como era o costume de Jesus e do apóstolo Paulo em obediência ao Quarto Mandamento (ver Lucas 4:16; Atos 17:2).

Um futuro melhor para toda a humanidade

Em Romanos 8:22, o apóstolo Paulo dá voz aos clamores de uma criação que “geme” por causa da “maldição” que a humanidade atraiu para si mesma no Éden (Gênesis 3:13-19). Por isso, Deus vai intervir novamente e estabelecer Sua paz na Terra. O sábado do sétimo dia é uma lembrança e um aviso semanal de um tempo conturbado no futuro.

É notável que, no início do terceiro século, Hipólito de Roma

► (continua na página 25)

Seja Sempre Grato a Deus

A gratidão mantém em nossa mente as bênçãos e o cuidado de Deus por nós, edificando nossa confiança e devoção a Ele. Quais são as coisas que deveríamos agradecer muito a Deus?

por **Becky Sweat**

Imagine se você fosse “o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura” (Ezequiel 28:12, ARA). Ele não deveria estar grato por essa perfeição, sabedoria e formosura? Mas sabemos que esse ser se tornou Satanás, apesar de ter sido criado perfeito (versículo 15) por Deus, usou seu livre arbítrio para pecar.

Obviamente, ele não estava grato por ter sido criado daquele jeito e queria ainda mais ao dizer “serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14:14). Esse desejo de ter mais poder o tornou soberbo e prepotente, transformando-o no diabo, o adversário de Deus.

Por isso, é importante sermos gratos em qualquer situação para que a ingratidão não gere atitudes pecaminosas em nossa vida. A passagem de 1 Tessalonicenses 5:18 é muito clara sobre a importância da gratidão quando diz: “Em tudo dai graças”.

Obedecer a essa exortação pode parecer uma tarefa difícil, porém isso nos ajuda a entender que não estamos sendo aconselhados a agradecer por *absolutamente tudo*, mas conforme as circunstâncias. Deus não espera que finjamos que não sofremos com as provações que passamos ou que todos os problemas que estamos vendo no mundo são, de alguma forma, algo positivo. Obviamente, não podemos estar gratos por mortes, doenças e situações difíceis na vida. Mas em qualquer sofrimento, precisamos enxergar a mão de Deus agindo em nossa vida.

E para manter esse estado de espírito, precisamos nos lembrar dos magníficos atributos, atos de amor e promessas de Deus, conforme revelados na Bíblia. Essas são coisas que sempre podemos nos apegar e que não vêm e vão dependendo de nossas circunstâncias pessoais ou eventos atuais. Em particular, refletir sobre as seguintes verdades bíblicas me ajudou a continuar tendo uma atitude de gratidão.

Jesus Cristo deu Sua vida para que vivêssemos

Jesus sacrificou Sua vida para que nossos pecados pudessem ser perdoados, tornando possível a nossa reconciliação com Deus Pai e para que herdássemos a vida eterna (João 3:16; 2 Coríntios 5:18). Podemos enfrentar nossos dias com esperança, sabendo que Deus está envolvido pessoalmente conosco e que esta vida não é o fim de nossa existência.

O governo de Deus é supremo

Apesar de passarmos por crises econômicas, pandemias, escassez de alimentos, guerras ou qualquer outra emergência nacional ou mundial, Deus ainda está em Seu trono e detém todo o poder (Salmos 47:8-9; 103:19). Ele está vendo o que está acontecendo e intervirá quando julgar oportuno. Ele não permitirá que nada aconteça para frustrar Seu grande plano para nós. Atualmente, Satanás é “o governante deste mundo” (João 14:30, Nova Versão



Pintura representando o desembarque dos peregrinos no Novo Mundo em 1620 após uma longa viagem marítima.

Transformadora), mas somente porque Deus lhe concedeu isso por um tempo limitado e dentro do âmbito dos propósitos dEle.

O plano de Deus não pode ser frustrado (Provérbios 19:21; 21:30; Jó 42:2). Embora Deus tenha nos dado livre arbítrio e liberdade para tomarmos nossas próprias decisões, Ele sabe o que precisa fazer para alcançar Seus propósitos.

Deus é o Governante supremo do universo e Seu poder é infinito. E Deus demonstra amor, lealdade, justiça, equidade, paciência, bondade, misericórdia e sensatez para conosco porque tudo isso faz parte de Seu caráter. Podemos confiar totalmente no governo justo e na liderança íntegra de Deus.

Deus suprirá nossas necessidades

Quando pedimos ajuda a Deus, sabemos que Ele nos ouve e suprirá todas as nossas necessidades, tanto físicas quanto espirituais (Filipenses 4:19). Talvez as soluções oferecidas por Deus nem sempre sejam as que esperávamos, mas Ele sempre cuidará de nós. E isso inclui prover o sustento (Mateus 6:31-33), a proteção (Salmos 91:2, 5-7), a cura (Tiago 5:14-16) e a direção na vida (Provérbios 16:9). E quando estivermos com problemas, Deus nos proverá os recursos necessários para resolvê-los (1 Coríntios 10:13).

Deus nunca vai nos abandonar

Enquanto obedecermos a Deus, Ele não falhará conosco nem nos abandonará (Deuteronômio 31:6, 8; Salmos 37:28; João 14:18). Deus tem grande expectativa do que poderemos nos tornar e certamente terminará a obra que começou em nós (Filipenses 1:6).

As provações são oportunidades de crescimento

Todos os seres humanos enfrentam dificuldades, reveses e desafios. Contudo, sem ter um relacionamento com Deus, os problemas de alguém são apenas uma fonte de frustrações e angústias. Mas quando buscamos envolver a Deus em nossas vidas, Ele fará com que as tempestades que enfrentamos resultem em algo para nosso bem. As dificuldades podem nos mostrar onde falhamos espiritualmente e nos estimular a orar e estudar a Bíblia, além de nos ajudar a desenvolver um caráter santificado.

Tiago diz o seguinte: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (Tiago 1:2, ARA). O sofrimento em si não é uma alegria, mas sim o fato de saber que Deus é nosso Mestre Oleiro e que as provações são uma ferramenta que Ele usa para ajudar a nos moldar e nos preparar para o Seu Reino. E é uma bênção podermos ver os problemas da vida como oportunidades de crescimento em vez de um sofrimento despropositado.

As recompensas eternas excederão o sofrimento presente

Deus concederá recompensas eternas àqueles que perseverarem em Seus caminhos mesmo em meio ao sofrimento. Tiago 1:12 chama essas recompensas de “coroa da vida”, e Romanos 8:17 acrescenta que seremos glorificados com Cristo. A Bíblia não nos diz tudo sobre essas recompensas, mas Romanos 8:18 assegura que “as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”. Qualquer dor que tenhamos que suportar para entrar no Reino de Deus valerá a pena (ver também 2 Coríntios 4:17-18).

Jesus voltará para estabelecer o Reino de Deus

Não devemos esperar que a tecnologia ou a ciência, de alguma forma, solucionem os problemas do mundo nem que um dia

surgirão políticos que resolverão todos eles. A Bíblia nos assegura que Deus Pai enviará Jesus Cristo à Terra para estabelecer Seu Reino (Daniel 2:44; Miquéias 1:3; Mateus 24:30; Apocalipse 1:7, 19:16), que é a única solução para a paz e a harmonia permanentes.

Hoje em dia, muitos estão preocupados que uma guerra nuclear acabe com a humanidade, mas, embora saibamos que tempos turbulentos estão por vir, Mateus 24:22 nos promete que esses tempos serão abreviados e que a humanidade não será destruída.

Os peregrinos que viajaram para o Novo Mundo enfrentaram dificuldades e privações extenuantes, mas continuaram profundamente gratos a Deus.

A gratidão sempre será a melhor atitude!

Sem dúvida, ser grato “por tudo” também inclui os bons momentos—quando temos bênçãos materiais como alimentação diária, saúde, moradia e renda, além de família e amigos. Agradecer a Deus pela abundância em nossas vidas nos ajuda sempre a lembrar que Ele é Quem nos dá tudo isso.

Quando os tempos são difíceis, devemos agradecer a Deus por Suas promessas inabaláveis, como as mencionadas aqui, e também nos lembrar de como Ele interveio antes em nossas vidas. Isso nos ajuda a perseverar e confiar inteiramente em Deus.

Esse tipo de gratidão sempre será útil em nossa jornada cristã. Agradecer a Deus desvia nossa mente de toda a negatividade deste mundo e nos ajuda a focar naquilo que tem valor eterno, além de nos lembrar de confiar na constante ajuda e bondade de Deus para seguirmos sendo fiéis a Ele. **BN**

► (“Jesus é o Senhor do Sábado” cont. da pg.23)

escreveu o seguinte em um comentário sobre o livro de Daniel: “Seis mil anos devem ser cumpridos, para que o Sábado possa acontecer...Pois o Sábado é modelo e emblema do futuro reino dos santos, quando ‘eles reinarão com Cristo’, quando Ele vier do céu, como João diz em seu Apocalipse”. Desde cedo, entendia-se que o sábado do sétimo dia retrata uma pequena parte do Reino de Deus.

Os seis dias da semana de trabalho expressavam a grande diferença entre o mundo agitado do homem e a perfeição do dia de Deus—o sétimo dia, que simboliza o mundo vindouro—como um retorno ao Éden. O sábado representa o período de mil anos mencionado em Apocalipse 20:4-5, que conecta o primeiro livro da Bíblia com o último ao apresentar um Deus que nunca cessa Sua obra espiritual de remissão da humanidade!

Quando Jesus diz: “Eu sou...a vida” (João 14:6), isso significa que todas as pessoas terão suas vidas libertadas pelo Príncipe da Paz (Isaías 9:6-7) e Senhor do sábado quando Seu Reino vier e substituir os reinos do homem (Daniel 2:44; Apocalipse 11:15).

Jesus nos dá esse grande privilégio do discipulado pessoal ao nos chamar para segui-Lo e nos entregar um importante parâmetro espiritual em João 8:31-32: “Se vós permanecerdes na Minha

palavra, verdadeiramente, sereis Meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

Permanecer nas palavras de Jesus não significa apenas ler bastante a Bíblia, mas obedecê-la e seguir o exemplo do Filho do Homem, do Filho de Deus e do Senhor do Sábado. Como o grande “Eu Sou” das Escrituras, Ele inspirou Moisés a escrever: “Tudo o que Eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás” (Deuteronômio 12:32).

O que você fará agora que leu este artigo e descobriu que um Deus santo entregou a um povo santo um dia santo para um propósito santo? **BN**



SAIBA MAIS

O Quarto Mandamento é o mais ignorado dos Dez Mandamentos de Deus, e ele nos diz para santificar o sábado do sétimo dia. Descubra o que a Bíblia diz sobre o Sábado em nosso esclarecedor guia de estudo bíblico *Sábado: O Dia do Descanso de Deus*. Um exemplar gratuito está esperando por você!

www.revistaboanova.org

Série Os Dez Mandamentos: O Oitavo Mandamento

“Não furtarás” (Êxodo 20:15; Deuteronômio 5:19).

por Don Hooser

Desde a infância somos tentados a furto. Comecei a frequentar a Igreja de Deus aos vinte e um anos de idade, mas estou convencido de que Deus usou eventos anteriores em minha vida para me preparar para Seu chamado. Enquanto estava no ensino médio, furtei algo que valia cerca de vinte dólares. Com o tempo, minha consciência me acusava cada vez mais enquanto eu refletia no que tinha feito.

Mas esse não é o fim da história. Algum tempo depois, alguém invadiu uma propriedade nossa e, aparentemente, furtou apenas duas coisas—o que eu havia furtado antes e algo de muito valor sentimental para mim. Isso me pareceu incrível demais para ser uma coincidência. Penso que Deus orquestrou a situação para me ensinar uma lição duradoura (ver Hebreus 12:5-11).

Através do Oitavo Mandamento, aprendemos que Deus quer que todos usufruam do direito à propriedade privada e também respeitem a propriedade dos outros. Entre as leis bíblicas sobre heranças, as leis referentes ao ano do Jubileu até garantiam que as terras continuassem pertencendo aos seus proprietários originais (Levítico 25).

As pessoas precisam confiar em Deus como seu Provedor e também na Bíblia como seu Guia, além de confiarem em sua própria integridade e esforço e outras leis práticas para serem bem-sucedidas. (Ver Mateus 6:19-34, Efésios 6:5-9 e Colossenses 3:22-25.)

Infelizmente, a natureza humana é dominada pelo egoísmo, luxúria, ganância e inveja. E com um mundo cada vez mais secular e materialista, governado por Satanás, muitas pessoas confiam em todo tipo de coisas erradas, inclusive na desonestidade e no roubo. (Ver 1 Timóteo 6:9-10.) Muitos tipos de roubos foram pandêmicos ao longo da história, até mesmo entre pessoas religiosas. Muitas vezes, as vítimas de furtos ou roubos sofrem cicatrizes emocionais duradouras e sentimento de insegurança, bem como o desafio de superação das perdas.

Experimentamos a tentação de roubar desde a infância. É muitíssimo importante que os pais sempre ensinem as leis de Deus e os valores bíblicos aos seus filhos (Deuteronômio 6:1-25).

O furto ativo—pegar algo que não lhe pertence por direito—é um pecado de comissão. O furto passivo—reter deliberadamente o que pertence a outro—é um pecado de omissão. (Um exemplo de furto passivo é quando um funcionário não informa que recebeu o pagamento de uma conta abaixo do valor real ou alguém que recebeu um troco maior).

E não importa o quanto um pecador esconda seu pecado, Deus, o Juiz de todos, vê tudo, e Sua Palavra declara que “ladrões”... não “herdarão o reino de Deus” (1 Coríntios 6:10). Mas Deus

é extraordinariamente misericordioso. Felizmente, Ele perdoa quando há arrependimento verdadeiro!

Diversas formas de roubos ou furtos

O espaço não permite apresentar as inúmeras escrituras que proíbem tipos específicos de roubo. E uma lista de todos os tipos de roubo seria interminável, mas a seguir estão alguns tipos comuns que podem violar direta ou indiretamente o espírito do Oitavo Mandamento.

- Furtar dinheiro ou bens de pessoas ou empresas. E isso inclui também roubo, arrombamento e furto em lojas.

- Furtar os empregadores. Empregados que arrumam desculpas para não irem trabalhar ou não trabalham diligentemente quando estão no trabalho. Desperdiçar recursos, desviar o dinheiro da empresa, furtar propriedades da empresa, falsificar uma despesa ou usar equipamentos da empresa para uso pessoal sem permissão são formas de furtos.

- Furtar os funcionários ao fazer com que trabalhem em excesso, não pagando o devido salário ou um salário justo, não fornecer os benefícios prometidos ou reter seus salários.

- Ludibriar clientes com propagandas enganosas, rótulos de embalagens falsos, informações falsas, defeitos ocultos ou juro excessivos.

- Inadimplência intencional de empréstimos e dívidas. Uma crise imprevista pode acontecer com qualquer um, mas muitas pessoas pegam dinheiro emprestado ou usam o cartão de crédito sem intenção ou capacidade de pagar essas dívidas.

- Instalar *ransomware* no computador de alguém para forçar o proprietário a pagar um resgate.

- Iniciar processos judiciais infundados.

- Furtar do governo deixando de pagar os impostos devidos ou solicitar assistência social sem realmente necessitar (ver Romanos 13:1, 6-7).

- Denegrir a imagem de uma pessoa configura furto do seu bom nome. Prejudicar a reputação de alguém com acusações, calúnias ou fofocas, pode causar um dano permanente na vida dele. (Ver Provérbios 22:1 e Eclesiastes 7:1).

- Sequestro. Na antiga Israel, a pena para esse crime era a morte (Êxodo 21:16).

- Furtar a inocência de alguém. Exemplos disso é o estupro e o consentimento de pais para que adolescentes se envolvam sexualmente, ou até mesmo pais e pessoas que expõem crianças a algum entretenimento imoral.

- Furtar quando não se demonstra o devido amor, respeito e afeição pelos outros. Deus nos ensina que maridos e esposas têm uma responsabilidade especial de expressar amor conjugal um



pelo outro (1 Coríntios 7:3-5). Semelhantemente, os pais devem dar amor e disciplina aos filhos—e os filhos devem honrar os pais.

- Furtar propriedade intelectual ao copiar ilegalmente softwares (inclusive músicas e filmes) ou violar patentes e marcas registradas. O plágio também é uma forma de furto.
- Furtar a confiança de alguém ao não cumprir compromissos, contratos e promessas.
- Comprar conscientemente bens furtados ou roubados é ser cúmplice de um ladrão, seja comprando para uso próprio ou para ganhar dinheiro como receptor (pessoa que compra bens furtados ou roubados para revender).

Roubar a Deus!

As pessoas roubam de Deus de duas principais maneiras. Em primeiro lugar, Deus é nosso dono porque nos criou—além disso, Ele sacrificou Seu Filho para nos redimir (ver 1 Coríntios 6:19-20). Portanto, nosso tempo, talentos e energia devem ser dedicados a servir e glorificar a Ele. Caso contrário, somos servos furtando de nosso Mestre.

Em segundo lugar, Deus é dono de absolutamente tudo, mas permite que tenhamos administremos a maior parte de nossa renda. Ele exige apenas que antes paguemos um dízimo (um décimo) e demos ofertas dela. Em Malaquias 3:8, Deus disse: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós Me roubais e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas”. Apropriação indébita do que é de Deus! Uma vez que uma pessoa entende que Deus ordena o dízimo, o pecado por desobedecer a essa lei torna-se muito grave.

As leis de Deus exigem restituição total de bens roubados

Sob a aliança que Deus fez com Israel, um ladrão tinha que restituir à vítima o valor do que foi roubado mais uma quantia adicional. Esse valor adicional para reparação foi planejado como uma punição—além de ajudar a compensar a vítima pelo estresse e pela perda temporária dos bens. As leis específicas sobre isso estão em Êxodo 22:1, 3-6, 12 e Levítico 6:1-7.

Na maioria dos países hoje, o “sistema de justiça” pune os criminosos, mas não faz nada pelas vítimas dos crimes. E isso é muito triste. Se nós, como indivíduos santificados, percebermos que causamos um dano a alguém, devemos fazer o possível para que essa pessoa seja compensada disso.

Oferecer versus Obter

Qualquer mandamento de Deus que proíbe coisas más implica o oposto—ou seja, temos a obrigação de fazer coisas boas para compensar. Se amarmos nosso próximo como a nós mesmos, vamos tratá-lo como desejamos ser tratados. Essa é a Regra de Ouro (Mateus 7:12).

“Aquele que furtava não furtar mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade” (Efésios 4:28). Essa passagem ensina três lições: (1) Nunca furtar ou roubar; (2) Pratique a ética bíblica do trabalho e seja produtivo para ter o suficiente para sustentar a si mesmo e a sua família e ajudar aos outros; (3) Seja compassivo e generoso com aqueles que precisam de ajuda. (Em relação à terceira lição, ver Lucas 6:27-38, Atos 20:35, Romanos 12:1-13, 2 Coríntios 9:10-13, Filipenses 2:4 e Hebreus 13:16.)

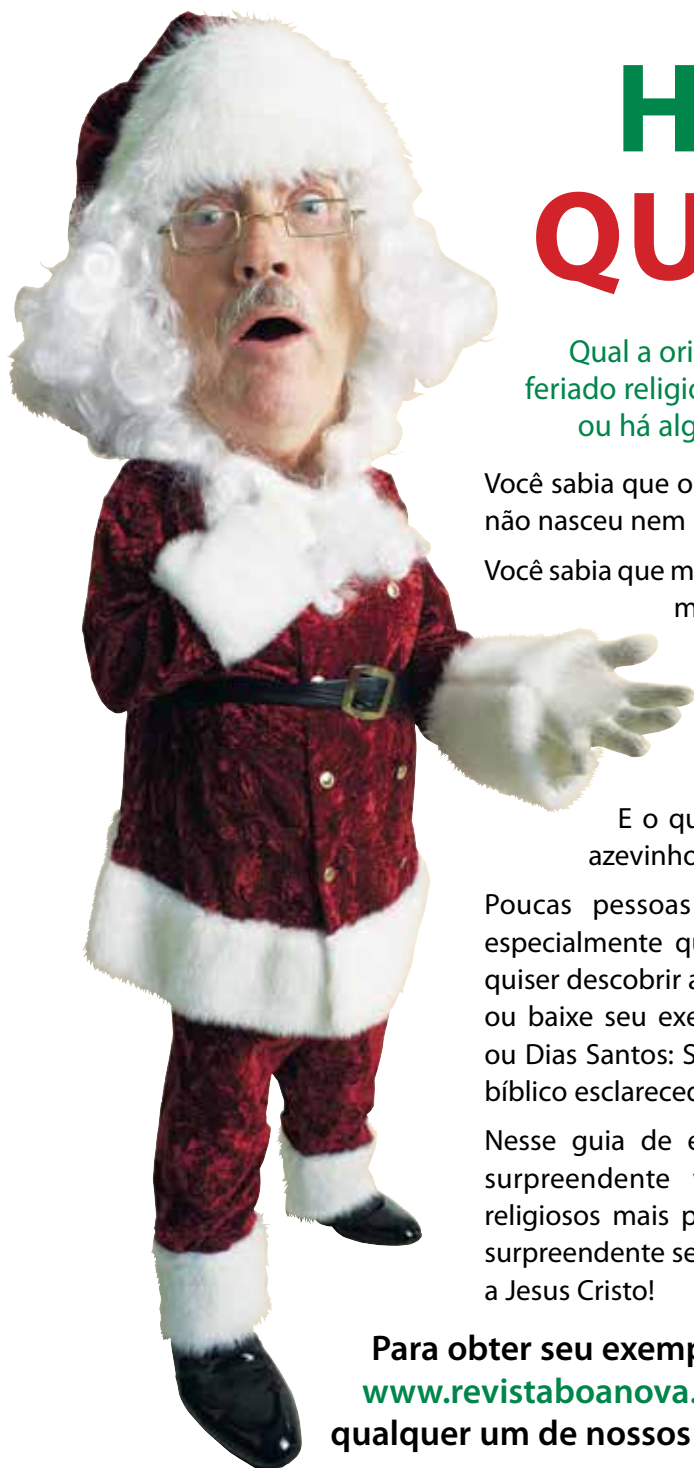
Muitas escrituras ensinam sobre bondade, misericórdia, compaixão e generosidade. Um exemplo disso é a lei que permite “o pobre e o estrangeiro” pegar comida de uma fazenda ou pomar (Levítico 19:9-10, 34). Outro exemplo ensina que se você encontrar um boi, ovelha ou jumento perdidos, você deve procurar o dono e lhe devolver o animal, mesmo que ele seja seu inimigo (Deuteronômio 22:1; Êxodo 23:4). Deus não tolera pessoas que se apropriam das coisas dos outros. Quando encontrar algo que não lhe pertence, você deve fazer o possível para encontrar o proprietário ou entregar isso num local em que ele possa recuperá-lo. (Ver também Provérbios 3:27-28).

Um mundo sem furtos ou roubos!

Como mundo seria muito diferente se não houvesse furtos ou roubos! E esse mundo está chegando! Jesus Cristo retornará e estabelecerá o Reino de Deus sobre toda a Terra, e Ele e os santos ensinarão e aplicarão os Dez Mandamentos em todos os lugares. Será um mundo feliz, porque pessoas honestas são pessoas mais felizes!

Pense como haverá prosperidade quando pessoas e empresas não perderem mais dinheiro com furtos ou roubos nem gastarem dinheiro com sistemas de segurança! Pense na paz de espírito que as pessoas terão quando estiverem vivendo em um mundo honesto, onde todos deverão ser confiáveis e ninguém sofrerá perdas financeiras e o trauma emocional de ter sido vítima de furto ou roubo.

Que venha logo o Reino de Deus! **BN**



HO, HO, HO, QUE MENTIRA!

Qual a origem do Natal? Como e por que ele surgiu? Será que esse feriado religioso realmente honra Jesus Cristo e celebra Seu nascimento ou há algo mais nele que a maioria das pessoas não conhece?

Você sabia que os historiadores (e também a Bíblia) concordam que Jesus Cristo não nasceu nem próximo do dia 25 de dezembro?

Você sabia que muito antes do nascimento de Jesus Cristo nessa data se celebrava muitas festas religiosas pagãs?

O que um velhinho alegre vestido com um casaco vermelho, que supostamente vive no Polo Norte e é auxiliado por elfos, tem a ver com o nascimento do Filho de Deus? E o que dizer das renas voadoras que puxam o trenó dele?

E o que você sabe sobre a origem da árvore de Natal? E por que o azevinho e o visco estão ligados a esse feriado religioso?

Poucas pessoas sabem por que acreditam ou celebram essas coisas—especialmente quando se trata de suas crenças e práticas religiosas. Se você quiser descobrir a verdade sobre a intrigante história desse feriado popular, peça ou baixe seu exemplar gratuito do guia de estudo bíblico Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos? Esse guia de estudo bíblico esclarecedor está esperando por você!

Nesse guia de estudo bíblico, você pode descobrir a surpreendente verdade sobre muitos dos feriados religiosos mais populares do mundo. Talvez ainda mais surpreendente será entender como eles foram vinculados a Jesus Cristo!

Para obter seu exemplar gratuito, visite nosso site www.revistaboanova.org ou entre em contato com qualquer um de nossos escritórios listados na página 2.



FAÇA UMA DOAÇÃO

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta Boa Nova do vindouro Reino de Deus, de vários guias de estudo de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Esta revista 'A Boa Nova' e guias de estudo Bíblicos aqui mencionados contêm direitos autorais e são publicados pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional. Também somos representados e os distribuimos, sob licença, em Angola pela Igreja de Deus Mundial em Angola.

Sua doação espontânea ou seus dízimos nos ajudarão a ampliar esse esforço. Use a conta ao lado se vive no Brasil, ou a aba de doações do nosso site, ou detalhes de contato na página 2. Muito obrigado pela sua contribuição.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 003

Conta Corrente: 1877-4

CNPJ/PIX: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil

